



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**IMPrensa NO CONTRA-ATAQUE: DISCURSO
MACHISTA E O IMPEACHMENT DA PRESIDENTA
DILMA**

SUZANA BRITO DEVULSKY

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**IMPrensa NO CONTRA-ATAQUE: DISCURSO
MACHISTA E O IMPEACHMENT DA PRESIDENTA
DILMA**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

SUZANA BRITO DEVULSKY

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Imprensa no contra-ataque: discurso machista e o impeachment da presidenta Dilma**, elaborada por SUZANA BRITO DEVULSKY.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Profa. Dra. Suzy dos Santos
Doutora em Comunicação e Cultura Contemporânea pela UFBA
Departamento de Comunicação – UFRJ

Profa. Ma. Fernanda Melo da Escóssia
Mestra em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

DEVULSKY, Suzana Brito.

Imprensa no contra-ataque: discurso machista e o impeachment da presidenta Dilma, 2016.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientadora: Cristiane Henriques Costa

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre estiveram presentes e me apoiaram nas minhas escolhas, mesmo quando eu nem sabia muito bem o que eu queria, quando tranquei a faculdade e quando pensei em mudar de curso. Obrigada por nunca terem deixado de acreditar em mim.

Ao meu avô Brito, que me inspira por sua eterna sede de saber, que me incentivou a aprender francês e que me ensinou e ensina a sempre questionar o mundo e principalmente o discurso dos meios de comunicação de massa.

À minha madrinha Selma, sempre tão carinhosa e atenciosa. Obrigada pelas mensagens e “frases bonitas”, por me fazer conseguir distrair das neuroses da vida, por me chamar para ver filmes e comer brigadeiro e curtir comigo as pequenas felicidades da vida

Aos meus grandes amigos Daniela e Gabriel, que entraram na Eco junto comigo e que agora vão se formar comigo também. Obrigada por todas as conversas, por ouvir minhas lamentações e desespero, por todo o apoio, pelas mesas de bar e por estarem do meu lado sempre que precisei.

À minha amiga Júlia, que depois de ter sido minha coleguinha de jardim de infância, me reencontrou no pré-vestibular, entrou na Eco e me incentivou a fazer essa escolha também. Obrigada por ser tão carinhosa e atenciosa, por ouvir minhas lamentações e por ser tão companheira.

Às minhas amigas Maria e Suyana pelos quase 20 anos de amizade. Esse trio é tão único e me faz entender o verdadeiro significado do que é ser amiga, crescer junto, entender as diferenças, e saber que estaremos sempre presentes (mesmo que não fisicamente) nos melhores e nos piores momentos.

Ao Departamento de Estudos de Gênero da Université Paris VIII, por ter me colocado pela primeira vez em contato com essa área tão fundamental para a minha formação como indivíduo e, principalmente, como mulher.

À professora Cristiane Costa, por ter aceitado me orientar e dizer sempre que tudo ia dar certo mesmo com meu nervosismo e meu prazo tão apertado.

À Escola de Comunicação da UFRJ, por ter me transformado em uma pessoa com um senso crítico muito mais apurado e por ter me ensinado e enxergar o mundo de uma outra forma. Apesar da relação conturbada, de encantamentos e desencantamentos, termino essa etapa sabendo que não poderia ter estudado em nenhum outro lugar.

DEVULSKY, Suzana Brito. **Imprensa no contra-ataque: discurso machista e o impeachment da presidenta Dilma.** Orientadora: Cristiane Henriques Costa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

A partir da definição de *backlash* – o contra-ataque antifeminista – apresentado por Susan Faludi (2001), este trabalho busca fazer uma análise dos discursos promovidos pela imprensa no período que precedeu o impeachment de Dilma Rousseff em uma perspectiva de estudos de gênero, desde o início de seu segundo mandato até sua saída do cargo. Levando em conta as estruturas de dominação masculina exemplificadas por Pierre Bourdieu (2002), dentre outras bibliografias feministas, foram examinadas capas das três principais revistas do país – *Época*, *Veja* e *IstoÉ*, além de fotos em jornais, uma charge e reportagens online. Dessa forma, objetiva-se compreender de que forma a imprensa produziu e reproduziu estereótipos machistas e pensamentos misóginos na construção da imagem da presidenta.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. PASSIVIDADE E INCOMPLETUDE	6
2.1. “A SOLIDÃO DE DILMA”	8
2.2. “DILMA E O SEXO”	12
2.3. “BELA, RECATADA E DO LAR”	17
3. A MISOGINIA.....	23
3.1. DILMA NA “FOGUEIRA DA INQUISIÇÃO”	25
3.2. “AS EXPLOSÕES NERVOSAS DA PRESIDENTE”	30
4. A LINGUAGEM.....	38
4.1. “TCHAU, QUERIDA”	40
4.2. A PRESIDENTA	43
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa da Época.....	8
Figura 2: Julgamento de Dilma 1970	11
Figura 3: Dilma e a tocha olímpica	25
Figura 4: Dilma e a espada	27
Figura 5: Dilma e o terrorista	28
Figura 6: Capa da IstoÉ	30
Figura 7: Gaslighting	35
Figura 8: O dom da fúria	37
Figura 9: Capa da Veja	41

1. INTRODUÇÃO

Em 2010, a população brasileira elegeu Dilma Rousseff para a Presidência da República. Reeleita em 2014, foi a primeira mulher a ocupar o cargo no país. Na transição para o seu segundo mandato, entretanto, teve início um forte movimento de oposição que, com apoio da mídia, conseguiu levar à abertura de um processo de impeachment, em 17 de abril de 2016, aprovado definitivamente no dia 31 de agosto do mesmo ano.

O presente trabalho se propõe a fazer uma análise do discurso utilizado pelos maiores veículos de comunicação do país a respeito da figura de Dilma durante o período que antecedeu seu afastamento do cargo de presidenta da República – a partir de sua reeleição, quando começaram a ocorrer as manifestações contra ela – e mostrar de que forma as reportagens reproduziram ideais machistas e atingiram a ex-presidenta não apenas como governante, mas como mulher. Cabe lembrar que não nos interessa, aqui, adentrar na discussão dos aspectos jurídicos sobre a legalidade ou não do processo de impeachment.

Entendemos que o machismo é a manifestação do sexismo – discriminação por motivo de sexo (Angioletti&Michielsens, 2009) - na qual o sexo masculino é tido como superior ao feminino. Apesar de ser um termo amplamente utilizado, é importante esclarecer o que é machismo, tendo em vista que tal noção guiará todo o trabalho. Para isso, utilizaremos a definição dada por Eunice Mendoza em *Machismo Litterature Review*, na qual ela explica que o termo é próprio das culturas latinas.

Machismo é definido como um forte sentimento de orgulho masculino. Na cultura latina, o machismo é mais do que apenas uma palavra, pois está tão enraizada na cultura que não só é aceito mas muitas vezes até mesmo esperado. Em qualquer estudo sobre os grupos latinos, o machismo é um assunto que deve ser considerado, mas muitas vezes é esquecido [...] Na cultura latino-americana, o machismo é um padrão de comportamento social no qual o macho latino exibe uma atitude arrogante para com alguém em uma posição que ele percebe como inferior à dele, exigindo completa subserviência. O machismo é geralmente usado e definido com uma conotação negativa; No entanto, dentro da cultura latina tradicional, "macho" também tem bons aspectos que geralmente são negligenciados. Espera-se que os homens latinos sejam "varões", cuidadosos, responsáveis, decisivos, fortes de caráter e protetores da família extensa (Wood, 1997). Alguns dos aspectos negativos mais comumente conhecidos do machismo são

agressividade, força física, insensibilidade emocional e comportamento “mulherengo”. (MENDOZA, 2009, p. 2 – aspas da autora)¹

Além disso, ao falar de “contra-ataque” da imprensa, usaremos como referência o conceito de *backlash* criado pela jornalista estadunidense Susan Faludi em sua obra *Backlash – O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres* (2001), na qual a autora explica que, ao longo do tempo, na história da humanidade, todas as vezes em que as mulheres de alguma forma começavam a ocupar mais espaço na vida política ou ganhar direitos sociais, uma onda de conservadorismo e machismo crescia para tentar tirar-lhes as conquistas.

Não há dúvida de que a hostilidade contra a independência feminina sempre esteve entre nós. Mas se o medo e a intolerância em relação ao feminismo são uma espécie de condição viral da nossa cultura, isto não quer dizer que eles sempre se manifestem em sua fase aguda; os sintomas permanecem e periodicamente voltam à tona. E são justamente estes episódios de reincidência, como o que estamos vivendo agora, que podemos definir como backlash, um contra-ataque para impedir o progresso da mulher. [...] tais surtos raramente são casuais; eles sempre são ocasionados pela percepção – correta ou não – de que as mulheres estão avançando a passos largos. (FALUDI, 2001, p. 18)

Se analisarmos a situação das mulheres nas últimas décadas no Brasil, fica claro que está melhor, apesar de ainda longe do ideal, visto que o país ocupa a 85ª posição no ranking de desenvolvimento humano e desigualdade de gênero, de acordo com o *Relatório de Desenvolvimento Humano* do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

De toda forma, é inegável que houve avanços relacionados à promoção da igualdade de gênero e empoderamento das mulheres, segundo o exposto no site da ONU Mulheres:

¹ Tradução da autora: “Machismo is defined as a strong sense of masculine pride. In Latino culture machismo is more than just a word as it is so embedded in the culture that it is not only accepted, but often even expected. In any study on Latino groups, machismo is a subject that should be considered, but it is often forgotten.[...] In Latin American culture, machismo is a social behavior pattern in which the Latino male exhibits an overbearing attitude to anyone in a position he perceives as inferior to his, demanding complete subservience. Machismo is usually used and defined with a negative connotation; however within the traditional Latino culture, “macho” also has good aspects that are usually neglected. Latin men are expected to be a “varoon,” who is caring, responsible, decisive, strong of character, and the protector of the extended family (Wood, 1997). Some of the more commonly known negative aspects of machismo are aggressiveness, physical strength, emotional insensitivity, and womanizing.”

Como exemplo deste avanço, em 2003 foram criadas, com status ministerial, a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR). Desde então, mais de 600 mecanismos de mulheres estaduais e municipais foram criados em todo o país. Conferências Nacionais para a formulação participativa e revisão dos Planos Nacionais de Políticas para as Mulheres e Políticas de Promoção da Igualdade Racial (PNPM e PLANAPPIR, respectivamente) foram organizados a cada três ou quatro anos, com o envolvimento de centenas de milhares de mulheres e homens. Em 2010, o povo brasileiro elegeu, pela primeira vez, uma mulher como presidente, cuja popularidade atingiu níveis recordes.²

Além disso, a Lei Maria da Penha, promulgada em 2006, foi responsável por colocar o país na vanguarda mundial, e conseguiu se tornar amplamente conhecida: “apenas 2% da população nunca ouviu falar dela. Com 3 milhões de telefonemas recebidos, o “Ligue 180” teve um aumento de 1.600% em chamadas registradas e aumento de 700% nas denúncias de violência entre 2006 e 2012”, ainda de acordo com a ONU Mulheres³.

Já durante o governo Dilma, em 2013, foi lançado o programa “Mulher, Viver Sem Violência”, aumentando “a oferta de serviços integrados e multi-setoriais para as mulheres em todo o país”⁴. No mesmo ano, “6,2 milhões de trabalhadores domésticos – em grande parte mulheres afrodescendentes – alcançaram a igualdade ao serem reconhecidos por primeira vez seus direitos trabalhistas – o que lhes havia sido negado por décadas”⁵.

Outra conquista das mulheres foi a lei do feminicídio, que tipifica o assassinato de mulheres (em razão de sua condição de gênero) como crime hediondo – sancionada pela presidenta Dilma em seu segundo mandato, em março de 2015. Na ocasião da assinatura, Dilma “lembrou que a lei representa importante mudança cultural ao combater velhas teorias que justificavam o assassinato da mulher em defesa da honra do homem” (Portal Brasil, 08/05/2015)⁶.

² Informações extraídas do site da ONU Mulheres: <<http://www.onumulheres.org.br/brasil/visao-geral/>> Acesso em: 28/11/2016

³ Informações extraídas do site da ONU Mulheres: <<http://www.onumulheres.org.br/brasil/visao-geral/>> Acesso em: 28/11/2016

⁴ Informações extraídas do site da ONU Mulheres: <<http://www.onumulheres.org.br/brasil/visao-geral/>> Acesso em: 28/11/2016

⁵ Informações extraídas do site da ONU Mulheres: <<http://www.onumulheres.org.br/brasil/visao-geral/>> Acesso em: 28/11/2016

⁶ Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/05/secretaria-de-politicas-para-as-mulheres-completa-12-anos-de-conquistas-para-a-mulher-brasileira>> Acesso em: 28/11/2016

Levando em conta esse cenário, a partir da noção de *backlash* (FALUDI, 2001), de uma bibliografia feminista e do processo de análise do discurso proposto por Norman Fairclough em *Discurso e mudança social* (2001), refletiremos sobre a participação da imprensa na reprodução das “estruturas de dominação” que são produzidas por meio de um “trabalho incessante (e, como tal, histórico)” (BOURDIEU, 2002, p. 46) de diversos agentes sociais.

[...] os homens, detentores do monopólio dos instrumentos de produção e de reprodução do capital simbólico, visam a assegurar a conservação ou o aumento deste capital: estratégias de fecundidade, estratégias matrimoniais, estratégias educativas, estratégias econômicas, estratégias de sucessão, todas elas orientadas no sentido de transmissão dos poderes e dos privilégios herdados. (Ibidem, p. 62)

Na primeira parte, trataremos da ideia do sexo feminino como inferior e dependente do homem, e de que forma é construído o imaginário social da mulher sozinha, desamparada, da aceitação de “feminilidade” relacionada à fragilidade, assim como a concepção de que a mulher precisa de um homem para se sentir completa. Três exemplos serão apresentados: a capa da revista *Época* de 01/04/2016, uma reportagem publicada no site da *Época* em 20/08/2015 e outra publicada pela revista *Veja* no dia 18/04/2016.

Já na segunda parte, será apresentado o conceito de misoginia – um recorte dentro do machismo – mostrando que o machismo pode muitas vezes acabar levando ao sentimento de ódio contra as mulheres e à demonização do feminino, gerando e justificando diversas ações violentas. Para ilustrar o pensamento misógino, utilizaremos uma fotografia divulgada na capa do jornal *O Estado de São Paulo* de 01/05/2016, uma charge publicada pelo jornal *O Globo* de 08/03/2015 e a polêmica capa da revista *IstoÉ* de 06/04/2016.

Por fim, discutiremos o papel da linguagem e seus usos como ferramenta reprodutora da discriminação de gênero, traduzindo preconceitos e opressão, e também de que forma ela pode vir a ser usada como instrumento de mudança. Problematizaremos o bordão “Tchau, querida”, largamente propagado pela oposição à Dilma e que estampou a capa da revista *Veja* de maio de 2016. Além disso, falaremos sobre o uso da palavra presidenta – à qual aderimos em todo o trabalho –, seu valor político e ideológico e a recusa por parte da imprensa em empregar o termo.

Acreditamos ser de extrema relevância discutir a prática discursiva da imprensa – grande formadora de opinião pública – como agente na propagação de ideais machistas e opressores em relação às mulheres, não apenas para questionar o que muitas vezes é divulgado como verdade pela mídia, se transformando em senso comum, mas também para entender os mecanismos que podem ser capazes de mudar esse sistema de dominação masculina.

Com esse trabalho buscamos mostrar que, independentemente das crenças político-partidárias, boa parte das críticas ao governo de Dilma Rousseff foi pautada no machismo, tão enraizado na sociedade. Logo, trata-se de um movimento que pode ser analisado na perspectiva do conceito que Faludi chamou de *backlash*, ou contra-ataque: quando os homens se sentem ameaçados por qualquer pequena perda de status ou vantagem em relação às mulheres (FALUDI, 2001, p. 79).

2. PASSIVIDADE E INCOMPLETUDE

Para uma análise dos processos que regem o sistema de dominação masculina é preciso, antes de tudo, compreender a premissa principal que o sustenta – a superioridade masculina –, assim como os argumentos utilizados para justificá-lo.

Na cultura ocidental, a imagem da mulher foi historicamente construída como uma representação de um ser invariavelmente imperfeito em relação ao homem, que seria o ser completo e original. Rocha (2002) explica que desde Aristóteles a anatomia feminina é vista como uma “forma inacabada”, visão esta que foi reproduzida de diversas maneiras e nos mais variados campos de conhecimento.

Na Bíblia, por exemplo, Eva, a primeira mulher, é criada a partir da costela de Adão, confirmando a ideia de que o feminino é uma projeção do masculino (LAURETIS, 1994, p. 222). Já na psicanálise, tem-se a visão freudiana da mulher refletindo “a tradição que, desde os gregos, transmitia, para a cultura ocidental, a imagem da mulher como um ‘homem mutilado’” (ROCHA, 2002, p. 132), assim como a Lei Paterna, em Lacan, que “estrutura toda a significação linguística, chamada ‘o Simbólico’, e assim se torna o princípio organizador universal da própria cultura” (BUTLER, 2016, p. 141).

Nos estudos médicos e biológicos não é diferente. O sociólogo francês Pierre Bourdieu, em sua obra *A Dominação Masculina* (2002), cita a descoberta, por Marie-Christine Pouchelle, de escritos de um cirurgião da Idade Média nos quais a representação da vagina é a de um falo invertido, imagem tal que “obedece às mesmas oposições fundamentais entre o positivo e o negativo, o direito e o avesso, que se impõem a partir do momento em que o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas” (Ibidem, p. 23).

A filósofa estadunidense Judith Butler - questionadora do binarismo de gênero e uma das precursoras da teoria *queer* – em seu célebre livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2016) expõe questões semelhantes ao apresentar a argumentação das geneticistas Eva Eicher e Linda L. Washburn de que, na literatura especializada, os ovários nunca são considerados fator de determinação sexual, sendo a feminilidade “sempre conceituada em termos da ausência do fator determinante masculino ou da presença passiva desse fator”, dessa forma, “considerada passiva, a feminilidade é por definição desqualificada como objeto de estudo” (Ibidem, pp. 188-189). Ainda sobre o mesmo tema, Butler menciona um estudo do pesquisador do MIT David Page sobre biologia molecular no qual sugere-se que “a feminilidade deve ser

compreendida como presença ou ausência da masculinidade, ou, na melhor das hipóteses, como presença de uma passividade que, nos homens, seria invariavelmente ativa” (Ibidem, p. 190).

Dentro da bibliografia feminista, diversas teorias explicitam essa lógica da existência de um gênero sempre em relação ao outro. Simone de Beauvoir apresenta a hipótese de que “a pessoa universal e o gênero masculino se fundem em um só gênero, definindo com isso as mulheres nos termos do sexo deles e enaltecendo os homens como portadores de uma pessoalidade universal que transcende o corpo”. Já para a filósofa, psicanalista e feminista belga Luce Irigaray “as mulheres constituem o *irrepresentável*” (BUTLER, 2016, p. 31 – grifo da autora).

Em oposição à Beauvoir, para quem as mulheres são designadas como o Outro, Irigaray argumenta que tanto o sujeito como o Outro são os esteios de uma economia significante falocêntrica e fechada, que atinge seu objetivo totalizante por via da completa exclusão do feminino. (Ibidem, pp. 31-32)

Para Lauretis (1994, pp. 236-237) a maioria das produções feministas apresenta um problema pois “são construídas sobre narrativas masculinas de gênero, edipianas ou antiédipianas”, o que acaba por perpetuar as mulheres e seu discurso em “pontos cegos” de suas representações. Faludi (2001) também alerta para o perigo da reprodução de teses que reafirmem uma diferença entre os gêneros e que se pautem em “características especiais das mulheres”. Nos anos 80, a investigação sobre a origem das diferenças entre homens e mulheres juntamente com a tentativa de “desafiar a arraigada convenção de se considerar o comportamento masculino como normal e o feminismo como desvio” (Ibidem, p. 323) acabaram por reafirmar a ideia de que mulheres teriam intrinsecamente “virtudes maternais” ou uma “ética do carinho”.

Examinar as diferenças entre os sexos pode ser uma oportunidade para investigar toda uma série de relações de poder, mas muitas vezes não passa de mais um convite para justifica-las. Toda vez que a “característica especial” das mulheres é exaltada (como aliás a de qualquer outro grupo social), o reconhecimento acaba sendo uma faca de dois gumes. [...] Rotular a mulher como “especial” degenera facilmente na marcação de limites para ela. “Especial” pode até parecer superior, mas também é um eufemismo para incapacitada. (FALUDI, 2001, p. 324)

Tendo em vista as questões apresentadas, as páginas seguintes deste capítulo irão apresentar algumas reportagens nas quais o discurso jornalístico reproduziu a imagem da mulher como sujeito incompleto à espera de significação dentro da lógica da sociedade patriarcal e androcêntrica, na qual o masculino é visto como universal. Já que o homem encarna a potência, ele seria visto sempre como o agente em oposição à passividade feminina, levando a questões sobre a solidão da mulher poderosa e o ideal de esposa perfeita.

2.1 “A solidão de Dilma”

A capa da edição nº 931 da revista *Época*, de abril de 2016, traz o título “A solidão de Dilma”, retratando-a através da imagem estigmatizada da mulher que sofre por estar só, desamparada, como se sua existência não fosse jamais completa sem a presença de sujeitos masculinos que deem significado a ela.

Figura 1: capa da Época



Fonte: site-revista⁷

⁷ Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/04/solidao-de-dilma-rousseff.html>> Acesso em: 04/10/2016

Não se pode deixar de levar em consideração, ainda, o fato de que a personagem na capa era a representante do mais alto cargo do poder Executivo. Sendo assim, a escolha por uma narrativa que enfatize sua fragilidade – no lugar de sua firmeza e resistência, por exemplo – tem um significado muito importante no que diz respeito à forma com que a mídia se utilizou de um senso comum sobre a feminilidade para enfraquecer a imagem da ex-presidenta.

Como na dialética existencial da misoginia, trata-se de mais um exemplo em que a razão e a mente são associadas com a masculinidade e a ação, ao passo que o corpo e a natureza são considerados como a facticidade muda do feminino, à espera de significação a partir de um sujeito masculino oposto.” (BUTLER, 2016, p.75)

Diante disso, é possível perceber uma estética habitual em relação à figura feminina. Trata-se do imaginário popular moldado pelas instituições, ao qual se é exposto frequentemente desde a infância por meio de produções culturais – como nas clássicas histórias de princesa ou filmes de romance nos quais a felicidade da personagem feminina só se concretiza a partir do encontro com um homem.

Sabe-se que o Falo não é idêntico ao pênis, mas “exibe o pênis como seu instrumento e signo naturalizados” (BUTLER, 2016, p. 184). Dessa forma, a feminilidade surge como “contraponto do referencial fálico e de suas ambições de autossuficiência, onipotência e completude” (ROCHA, 2002, p. 144). Freud, em sua teoria sexual, utiliza o termo feminilidade para se referir ao desamparo e à angústia, criando-se uma relação de significado ambígua em que feminilidade não é uma característica exclusivamente feminina, mas que designa “a finitude e o desamparo da condição existencial do ser humano” (Idem). Tal ideia também se repete em Lacan, para quem as mulheres têm como característica a “falta” e por isso necessitam da intervenção masculina como forma de proteção (BUTLER, 2016, p. 89). O mesmo pode ser visto em Irigaray.

A tese de Irigaray de que as estruturas da melancolia e da feminilidade desenvolvida são muito semelhantes no trabalho de Freud refere-se à negação do objeto e do objetivo que constitui a “dupla onda” de recalçamento característica da feminilidade plenamente desenvolvida. Para Irigaray, é o reconhecimento da castração que introduz a menina em “uma ‘perda’ que escapa radicalmente a toda representação”. A melancolia é assim uma norma psicanalítica para as mulheres, norma que repousa sobre seu desejo ostensivo de ter um pênis, um desejo que,

convenientemente, não pode mais ser sentido ou reconhecido. (Ibidem, p. 125)

Para analisar o significado do caso analisado, também é preciso levar em conta o fato de que ele ilustra a capa da edição, o que carrega um valor crucial. A escolha da capa de uma revista é de grande relevância no que diz respeito à ideia que a revista quer vender.

Ao ler a reportagem, assinada por Alana Rizzo (15/04/2016)⁸, a ideia de abandono volta a ser reproduzida no subtítulo: “Os aliados políticos se foram. Os funcionários mais próximos buscam emprego. Até em casa, no Palácio da Alvorada, Dilma está sozinha e reclusa”. Apesar de não terem sido usadas orações formuladas na voz passiva, observa-se que Dilma não é o agente nessa construção. Fairclough (2001, p. 228) aponta a relevância do que “é posto inicialmente nas orações e nos períodos, porque isso pode jogar luz sobre pressupostos e estratégias que não são tornados explícitos”. Dessa forma, a percepção gerada por esse subtítulo poderia ser traduzida em: Dilma foi desprezada por seus aliados políticos e funcionários mais próximos.

Outro aspecto que se torna pertinente é o teor da reportagem, que ultrapassa o aspecto político e entra em questões da vida privada de Dilma, como é possível notar neste trecho:

Com o poder esvaindo-se, Dilma, no entanto, tem estado sozinha até nessa vida prática. A presidente sempre foi de poucos amigos em Brasília. Costumava telefonar nos finais de semana aos assessores que considerava mais próximos, simplesmente para bater papo. No entanto, mesmo os poucos amigos que a visitavam sumiram este ano. As visitas da família, essencialmente a filha, o genro e o neto, que vivem em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, diminuíram bastante desde que a crise ficou mais pesada. (RIZZO, 15/04/2016)⁹

A opção por este enfoque confirma a intenção de retratá-la através da figura arquetípica da “Mulher” (LAURETIS, 1994) – socialmente criada para pertencer a espaços privados e fechados se contrapondo ao homem, que é desde sempre educado como pertencendo ao espaço público, o qual deve ocupar de maneira vigorosa (GUILLAUMIN, 1992). Dilma ocupava um cargo público (masculino), entretanto o discurso se direciona para sua vida privada (feminino). A reaproximação frequente da

⁸ Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/04/solidao-de-dilma-rousseff.html>> Acesso em: 04/10/2016

⁹ Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/04/solidao-de-dilma-rousseff.html>> Acesso em: 04/10/2016

mulher em direção à esfera privada é uma das estratégias do *backlash* antifeminista descrito por Faludi (2001).

É importante apontar que a ideia de solidão relacionada à figura de Dilma não foi usada exclusivamente pela revista *Época*. Um caso simbólico é a reportagem da Folha intitulada “Dilma sentiu solidão ao sair da cadeia, diz biografia”¹⁰, de 02/02/2016, sobre o livro *A vida quer é coragem*, de Ricardo Batista Amaral, biografia da ex-presidenta. Apesar de teoricamente servir como divulgação da obra que conta a história de Dilma Rousseff, primeira mulher eleita (e reeleita) presidenta do Brasil, com uma trajetória marcada por episódios de bravura que poderiam exaltar sua força – como na clássica foto de seu julgamento em 1970, durante a ditadura civil-militar, quando tinha apenas 22 anos e passou por 22 dias de tortura –, a reportagem expressa no título uma condição de vulnerabilidade.

Figura 2: Julgamento de Dilma, 1970



Fonte: Processo da Justiça Militar / Novembro de 1970¹¹

¹⁰ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2016/02/1720626-queima-de-estoque-dilma-sentiu-solidao-ao-sair-da-cadeia-diz-biografia.shtml>> Acesso em: 04/10/2016

¹¹ Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/politica/foto-inedita-de-dilma-aos-22-anos-em-interrogatorio-apos-22-dias-de-tortura.html>> Acesso em 04/10/2016

Não se pode deixar de levar em consideração a estrutura do texto jornalístico, em que a manchete transmite a ideia principal (FAIRCLOUGH, 2001). Desse modo, tal enfoque carrega forte significado no que diz respeito não só ao discurso de gênero, como também à posição em relação ao contexto político do período.

Outra questão que deve ser levada em consideração nessa análise é o peso da palavra solidão. Fairclough (Idem) explica o perigo da pressuposição, que passa a ideia de “informação dada” para o que seria uma alegação questionável: Dilma está mesmo se sentindo só?, podemos nos perguntar, ou, alguém perguntou para ela o que ela está sentindo?. Mesmo que a resposta fosse positiva, confirmando a tese da revista, este poderia ser um estado momentâneo: ela *está* se sentindo só. Entretanto, na linguagem, o uso de um substantivo (no caso, solidão) tem a força de transformar uma condição que seria “local e temporária num estado inerente ou numa propriedade, a qual pode então tornar-se ela própria o foco da atenção cultural e da manipulação” (Ibidem, p. 227).

A escolha por um determinado discurso, dentre outras opções de abordagem ou enfoque, é um investimento, “algo entre um comprometimento emocional e um interesse investido no poder relativo” (LAURETIS, 1994, p. 225). Assim como em diversos casos descritos por Faludi (2001) em que a imagem da mulher é vinculada à tristeza e à depressão, principalmente relacionando o sucesso profissional e a obtenção de direitos como a causa da infelicidade, e fazendo declarações como a de que “executivas de sucesso eram propensas a uma vida sem amor, e que a sua solidão infeliz poderia até prejudicar a carreira” (Ibidem, p. 28). Este parece ser o efeito da referida edição da revista *Época*¹²: reforçar o conceito de melancolia como característica feminina e reduzir uma mulher poderosa ao frágil paradigma do feminino.

2.2 “Dilma e o sexo”

No dia 20 de agosto de 2015, em meio à turbulência política gerada pela parcela da população que, desde o início do ano, pedia pelo impeachment da presidenta recém reeleita, foi publicado no portal da *Época* um texto, assinado por João Luiz Vieira,

¹² Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/04/solidao-de-dilma-rousseff.html>>
Acesso em: 04/10/2016

intitulado “Dilma e o Sexo”¹³. Nele, o autor sugere que boa parte da insatisfação popular em relação a ela teria origem no fato de que ela não estaria sendo suficientemente “sexualizada”, como é possível ver nos trechos: “[...]eles querem que ela expresse uma sexualidade, uma comunicação corporal que crie empatia, proponha, acrescente, acolha” e “Dilma, se eu fosse seu amigo, lhe diria: erotize-se.”

O pedido por mais “sexualidade” na postura da ex-presidenta se relaciona com a concepção da mulher como ser “marcado”, “sexuado”, ao assumir uma posição particular e relativa – em oposição ao homem. Butler (2016) afirma que as mulheres *são* seu sexo, no sentido de se tornarem “impregnadas de sexo” dentro das relações sociais, e que tal diferenciação é usada como mecanismo de poder. A definição de uma mulher como *mulher* não representa tudo que uma pessoa é, porém é a marca de gênero o que qualifica os corpos (Idem), fazendo com que homens e mulheres sejam lidos socialmente de maneiras diferentes (LAURETIS, 1994).

Apesar de as mulheres terem o corpo “completamente saturado de sexualidade”, como escreveu Foucault (apud LAURETIS, 1994), essa sexualização atua sempre como instrumento de dominação. A repressão da sexualidade feminina desde a infância, a mutilação genital ainda presente em diversas culturas, a espetacularização e mercantilização de seus corpos provam a tese de Lauretis (Idem) de que a sexualidade é uma propriedade do masculino. Isto é, ao sexualizar a mulher, ela se torna objeto do controle dos homens, que ditam suas regras e padrões de comportamentos a fim de garantir a manutenção de sua posição privilegiada dentro da sociedade.

O próprio autor do texto (20/08/2015)¹⁴ ressalta que “sexo tem a ver com poder”, entretanto a frase, em vez de fazer uma crítica, vem para reafirmar as ideologias que sustentam essa relação de opressão. Ou seja, enquanto a abordagem foucaultiana – na qual a sexualidade é saturada de poder – desmascara a naturalização das características de gênero e revela como essa categorização é “inevitavelmente reguladora” (BUTLER, 2016, p. 168), o texto analisado quer afirmar que Dilma precisa da sexualização para obter poder. Parece que, para uma mulher, não basta ter sido eleita e assumir as funções ligadas ao seu cargo para ter seu poder reconhecido: os “conselhos” do texto nada têm a ver com

¹³ O texto original estava disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/romance-urbano/joao-luiz-vieira/noticia/2015/08/dilma-e-o-sexo.html>>, onde agora há apenas um pedido de desculpas. Contudo, ainda é possível visualizar uma reprodução em: <<http://naofo.de/6quf>> Acesso em: 17/10/2016

¹⁴ O texto original estava disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/romance-urbano/joao-luiz-vieira/noticia/2015/08/dilma-e-o-sexo.html>>, onde agora há apenas um pedido de desculpas. Contudo, ainda é possível visualizar uma reprodução em: <<http://naofo.de/6quf>> Acesso em: 17/10/2016

a sua função como presidenta ou mesmo com o conceito de “carisma” – que poderia ser uma qualidade de “ambos os sexos” -, no lugar, é construída uma narrativa que “engendra”¹⁵ totalmente a sua figura.

Homens, historicamente pertencentes ao espaço público, entram e saem de seus cargos e são respeitados nessas posições sem que haja nenhuma demanda por sexualização. A autoridade e o poder são intrínsecos à subjetivação do masculino – mas não do feminino.

Para compreender adequadamente a distribuição estatística dos poderes e privilégios entre os homens e as mulheres, e sua evolução no decurso do tempo, é preciso levar em conta, simultaneamente, duas propriedades que, à primeira vista, podem parecer contraditórias. Por um lado, qualquer que seja sua posição no espaço social, as mulheres têm em comum o fato de estarem *separadas dos homens por um coeficiente simbólico negativo* que, tal como a cor da pele para os negros, ou qualquer outro sinal de pertencer a um grupo social estigmatizado, afeta negativamente tudo que elas são e fazem [...] (BOURDIEU, 2002, p.111 – grifo do autor)

Em outra passagem, o autor do texto afirma:

Dilma quer ser invisível, por isso se lacra. Dilma usa um uniforme que nubla a sua sexualidade. Além disso, tornou-se uma mulher assexuada que, de antemão, avisa em mesas de reunião no Palácio do Planalto ou em plenário da ONU que o gênero nunca estará em questão no seu armamento discursivo. Seria menosprezar seus genes e sua inteligência. (VIEIRA, 20/08/2015)¹⁶

Uma outra interpretação pode levar à leitura de que, na realidade, Dilma não “quer ser invisível”, ela apenas não quer que seu sexo seja um diferenciador em suas relações sociais e políticas.

Imagine uma situação clássica de um encontro de pessoas de poder (políticos, empresários). Como todos estão vestidos? Provavelmente, basicamente com a mesma roupa: ternos de cores sóbrias e gravata. Pela roupa, não se distingue quem é quem. Por que, então, incomoda o fato de Dilma seguir o mesmo padrão? Porque é exatamente através da diferença que se constrói a dominação. Ao enquadrá-la como mulher – no ilusório e homogêneo grupo das mulheres –, ela fica mais distante de suprir as

¹⁵ Termo utilizado por Teresa de Lauretis (1994) para se referir ao processo em que pessoas ou lugares são marcados por especificidades de gênero.

¹⁶ O texto original estava disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/romance-urbano/joao-luiz-vieira/noticia/2015/08/dilma-e-o-sexo.html>>, onde agora há apenas um pedido de desculpas. Contudo, ainda é possível visualizar uma reprodução em: <<http://naofo.de/6quf>> Acesso em: 17/10/2016

expectativas em relação às qualidades que devem estar presentes em representantes de poder, características estas que são consideradas inerentemente masculinas.

Em uma sociedade em que a masculinidade e virilidade são vistas como virtudes e nobreza, o texto critica Dilma por ter criado “uma personagem para lidar com a rudeza de seu ofício” (VIEIRA, 20/08/2015)¹⁷. Bourdieu (2002) descreve a necessidade que as mulheres que alcançam posições altas – as “elites discriminadas” – têm de se esforçar para eliminar qualquer conotação sexual de suas formas de agir e se vestir. Assim, sexualizar Dilma é, ao contrário do defendido no referido texto, tirar o seu poder. É desse modo que se comporta o *backlash*: fazendo com que as conquistas das mulheres se pareçam com a causa de sua ruína.

Ao mesmo tempo, a sugestão dada por Vieira é que Dilma lance mão do que Bourdieu (2002) chamou de “arma dos fracos” – expressão empregada para definir exatamente a estratégia, à qual as mulheres recorrem frequentemente, de se utilizar de “brilhos e sedução” para alcançar seus objetivos. Esse tipo de comportamento, entretanto, acaba só reforçando os estereótipos – e exatamente por isso é tão defendido em tempos de contra-ataque, “quando as mulheres são encorajadas a agradar aos homens com as atitudes e aparência em lugar de persuadi-los com a força dos seus argumentos” (FALUDI, 2001, p. 427).

A “arma dos fracos” corrobora com a manutenção da dominação masculina mantendo as mulheres na posição de objetos simbólicos, “cujo ser (*esx*) é um ser-percebido (*percipi*)”, e colocando-as “em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis” (BOURDIEU, 2002, p. 82).

Ao empregar a sexualização para obter atenção ou atingir um propósito específico, a mulher se constrói como “objeto do olhar voyeurista do espectador”, fazendo do corpo feminino o “*locus* primário da sexualidade e do prazer visual” (LAURETIS, 1994, p. 221), o que se comprova com a afirmação de que “estamos opinando do tom de cabelo à escolha de sapato” (VIEIRA, 20/08/2015)¹⁸. Em outras palavras, o comportamento e as decisões de uma mulher – até nas questões mais pessoais – devem ser direcionados

¹⁷ O texto original estava disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/romance-urbano/joao-luiz-vieira/noticia/2015/08/dilma-e-o-sexo.html>>, onde agora há apenas um pedido de desculpas. Contudo, ainda é possível visualizar uma reprodução em: <<http://naofo.de/6quf>> Acesso em: 17/10/2016

¹⁸ O texto original estava disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/romance-urbano/joao-luiz-vieira/noticia/2015/08/dilma-e-o-sexo.html>>, onde agora há apenas um pedido de desculpas. Contudo, ainda é possível visualizar uma reprodução em: <<http://naofo.de/6quf>> Acesso em: 17/10/2016

primeiramente no sentido de agradar o outro, como no caso relatado por Faludi (2001, p. 231) em que uma mulher independente e bem-sucedida acaba, por medo de ficar solteira “para sempre”, se submetendo a diversas cirurgias plásticas e tratamentos estéticos para “atender aos desejos masculinos e agradar a um potencial macho.”

Tal episódio também se relaciona com outro momento do texto no qual o autor decide fazer suposições sobre a vida sexual e afetiva de Dilma:

Não a conheço pessoalmente, nem sei de ninguém que a viu nua, mas é bem provável que sua sexualidade tenha sido subtraída há pelo menos uma década, como que provando exatamente o contrário: poder e sexo precisando se aniquilar. (VIEIRA, 20/08/2015)¹⁹

Essa questão remete aos clássicos ataques às feministas com frases como “isso é falta de homem”. A “falta de homem” parece assustar menos as mulheres – que teoricamente iriam sofrer com a solidão – do que os homens. Estes se sentem ameaçados de perder seu valor e seu protagonismo no imaginário erótico no qual a ereção – sempre relacionada à ideia de potência – é o elemento central. É por isso que o *backlash* insiste em aterrorizar as mulheres com teorias sobre a solidão e infelicidade ligadas à vida de solteira (FALUDI, 2001).

Nesse sentido, o ato sexual funciona como uma relação de domínio da mulher pelo homem, de modo tal que seja até mesmo condenada em diversas culturas a posição sexual em que a mulher fica por cima do homem (BOURDIEU, 2002, p. 27). Dilma representa perigo à estrutura patriarcal, logo, precisa ser dominada – até mesmo violentada²⁰ – sexualmente e socialmente (manifestação de pensamento misógino, questão que será tratada de maneira mais profunda no capítulo 3).

Quem questionaria se um homem ainda é ou não sexualmente ativo caso isso não tivesse relação direta com a situação? Quem cogitaria a relevância de um homem ter ou não uma esposa/namorada no que diz respeito ao bom exercício de seu cargo? O ataque à mulher solteira e bem-sucedida é o medo de perder o controle sobre todas as mulheres e deixar de ser um elemento indispensável na dinâmica social. Pelo mesmo motivo, diz-

¹⁹ O texto original estava disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/romance-urbano/joao-luiz-vieira/noticia/2015/08/dilma-e-o-sexo.html>>, onde agora há apenas um pedido de desculpas. Contudo, ainda é possível visualizar uma reprodução em: <<http://naofo.de/6quf>> Acesso em: 17/10/2016

²⁰ Em 2015, membros da oposição começaram a vender adesivos para carro representando Dilma de pernas abertas. O adesivo era colado na entrada do tanque, de maneira que, ao abastecer o carro, criava-se a imagem da bomba de gasolina “penetrando” a presidenta. Mais informações em: <<http://www.revistaforum.com.br/questao degenero/2015/07/01/adesivos-misoginos-sao-nova-moda-contra-dilma/>> Acesso em 08/11/2016

se pejorativamente que uma mulher é “não feminina” ou mesmo “lésbica” quando esta age se reapropriando de sua autoimagem e transformando o corpo passivo em ativo (BOURDIEU, 2002, p. 84). O papel do sujeito ativo é sempre lido como propriedade do masculino.

O último parágrafo do texto apresenta a dúvida quanto à necessidade ou não de se excluir a feminilidade para ser uma mulher “guerreira”, forte. Para Bourdieu (2002), essa exclusão se faz importante visto que a essência da feminilidade é a negação dos sinais de virilidade. Sendo assim, “dizer de uma mulher de poder que ela é ‘muito feminina’ não é mais do que um modo particularmente sutil de negar-lhe qualquer direito a este atributo caracteristicamente masculino que é o poder” (Ibidem, p. 118).

A opinião de Vieira (20/08/2016)²¹, contudo, é a oposta – e já esperada, levando em consideração o ponto de vista defendido ao longo do texto: “Não deveria, mas muitas vezes a exclui, e exemplos temos aos montes”. Por fim, é lançada a questão: “Fragilizar-se é compatível com o cargo que as senhoras almejam? Talvez sim, talvez não” (Idem), que, mais do que a expressão de uma incerteza, quer dizer, na realidade, que “tanto faz”.

O patriarcado irá agir contra a mulher independentemente da maneira como ela se porte, configurando a situação de *double blind*²²:

[...]se atuam como homens, elas se expõem a perder os atributos obrigatórios da “feminilidade” e põem em questão o direito natural dos homens às posições de poder; se elas agem como mulheres, parecem incapazes e inadaptadas à situação. (BOURDIEU, 2002, p. 84).

2.3 “Bela, recatada e ‘do lar’”

Em 17 de abril de 2016, a admissibilidade do processo de impeachment foi aprovada na Câmara – com 367 deputados federais votando a favor e 137 contra²³ –, resultando no afastamento da presidenta Dilma Rousseff de suas funções. Michel Temer, até então vice-presidente, passou a assumir interinamente o cargo até que o processo fosse

²¹ O texto original estava disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/romance-urbano/joao-luiz-vieira/noticia/2015/08/dilma-e-o-sexo.html>>, onde agora há apenas um pedido de desculpas. Contudo, ainda é possível visualizar uma reprodução em: <<http://naofo.de/6quf>> Acesso em: 17/10/2016

²² Expressão usada por Pierre Bourdieu em sua obra “A Dominação Masculina” (2002)

²³ Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/507325-CAMARA-AUTORIZA-INSTAURACAO-DE-PROCESSO-DE-IMPEACHMENT-DE-DILMA-COM-367-VOTOS-A-FAVOR-E-137-CONTRA.html>> Acesso em: 10/11/2016

finalizado. No dia seguinte, figurava no site da revista *Veja* a polêmica reportagem “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’”²⁴, de autoria de Juliana Linhares, gerando duras críticas²⁵ relativas ao seu tom sexista, assim como um protesto nas redes sociais que chamou a atenção até mesmo da imprensa internacional²⁶. Diante deste cenário, era de se esperar que a *Veja* se retratasse - o que não ocorreu. No lugar disso, a revista manteve seu discurso e ainda, ignorando a forte rejeição, publicou a reportagem dois dias depois em sua versão impressa como parte de uma seção intitulada “Como Será”, que fazia uma análise de como seria o futuro governo. Na edição nº 2474 – uma edição extra especial sobre o impeachment –, na qual já se celebrava antecipadamente a saída definitiva de Dilma da presidência do Brasil, foram duas páginas (28 e 29)²⁷ dedicadas a descrever a esposa de Michel Temer, “a (quase) primeira-dama” – como a revista definiu. Diante disso, há indagações principais a serem feitas: qual a relevância da esposa de Temer no que tange o futuro do país? E, que valor simbólico traz a imagem de uma (na ocasião, futura) primeira-dama após mais de quatro anos de gestão de uma presidenta?

Observa-se que o texto de Linhares (18/04/2016)²⁸ se inicia com a frase: “Marcela Temer é uma mulher de sorte”, seguida por muitas linhas tratando da relação entre Michel e Marcela, na qual ele está sempre cumprindo com seu “papel de homem” – provedor e “bom marido”: leva a restaurantes caros, trata por apelidos carinhosos, e “continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo” (Idem)²⁹. Tal ideia remete à pesquisa citada por Faludi (2001, p. 82) na qual, ao serem indagados sobre a definição de virilidade, a maior parte dos homens respondeu: “ser um bom provedor para a família”. Desta forma, retratar a relação íntima do casal é exaltar a “hombridade” de Michel Temer.

Em suas obras, tanto Butler (2016) quanto Bourdieu (2002) mencionam que ao longo da história a instituição do casamento vem funcionando como um sistema de trocas simbólicas e materiais entre homens. Butler (2016, p. 77) explica que a existência do dote em certas sociedades prova a tese de que essas uniões sempre foram, na realidade, acordos

²⁴ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>> Acesso em: 16/10/2016

²⁵ Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/bela-recatada-e-do-lar-materia-da-veja-e-tao-1792>> Acesso em: 16/10/2016

²⁶ Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/shannonsims/2016/04/20/the-hilarious-feminist-backlash-to-brazils-impeachment-fallout/#3b115b7359fa>> Acesso em: 16/10/2016

²⁷ Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/37715?page=28§ion=1>> Acesso em: 16/10/2016

²⁸ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>> Acesso em: 16/10/2016

²⁹ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>> Acesso em: 16/10/2016

entre homens, nos quais a mulher funcionava como o objeto que mantinha os homens vinculados. Similarmente, Bourdieu (2002, p. 55) defende que a origem do casamento reproduz a lógica do sujeito *versus* objeto e agente *versus* instrumento, que rege a relação entre homens e mulheres, de forma que “as mulheres só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens” (Idem).

Tal entendimento permite ver que, nesse contexto, Marcela representa parte do capital simbólico de Michel Temer. Ele se torna uma figura mais respeitável à medida que se aproxima do imaginário social masculino – merecedor e ocupante do poder –, ao passo que Marcela funciona como um “termo relacional”, um reflexo da identidade de seu marido (BUTLER, 2016, p.77). Como definiu Jessie Bernard (apud FALUDI, 2001, p. 38), o casamento “é um dos grandes alicerces do sexo masculino.”

Ademais, não se pode desprezar o fato de que esse é o momento em que Dilma Rousseff estava sendo afastada do mais alto cargo do Poder Executivo – o qual ocupava desde 2011 – para ser substituída por Michel Temer. Melhor dizendo, uma mulher estava sendo privada do poder ao mesmo tempo em que se enobrecia a estrutura mais tradicional do patriarcado traduzida na relação do casal Temer. Sai Dilma e entra Marcela. A figura feminina é jogada mais uma vez à sombra de um homem poderoso, como manda a essência da dominação masculina.

A divisão sexual está inscrita, por um lado, na divisão das atividades produtivas a que nós associamos a ideia de trabalho, assim como, mais amplamente, na divisão do trabalho de manutenção do capital social e do capital simbólico, que atribui aos homens o monopólio de todas as atividades oficiais, públicas, de *representação*, e em particular de todas as trocas de honra, das trocas de palavras (nos encontros quotidianos e sobretudo nas assembleias), trocas de dons, trocas de mulheres, trocas de desafios e de mortes (cujo limite é a guerra); ela está inscrita, por outro lado, nas disposições (os *habitus*) dos protagonistas da economia de bens simbólicos: a das mulheres, que esta economia reduz ao estado de *objetos* de troca (mesmo quando, em determinadas condições, elas podem contribuir, pelo menos por procuração, para orientar e organizar as trocas, sobretudo matrimoniais); as dos homens, a quem toda a ordem social, e em particular as sanções positivas ou negativas associadas ao funcionamento do mercado de bens simbólicos, impõe adquirir a aptidão e a propensão, constitutivas do senso de honra, de levar a sério todos os jogos assim constituídos como sérios. (BOURDIEU, 2002, p. 60 – grifo do autor)

Marcela é “quase 43 anos mais jovem que o marido” – como escreve Linhares (18/04/2016)³⁰ logo no subtítulo –, que foi seu primeiro namorado, querendo deixar implícito que ela era virgem antes de conhecê-lo, elevando o seu valor como “objeto não-usado”. Esse é o modelo de casal que deseja a sociedade patriarcal: a mulher deve ser mais nova que o homem para garantir que este ocupe “pelo menos aparentemente e com relação ao exterior, a posição dominante do casal” (BOURDIEU, 2002, p. 28). O que Bourdieu explica, no entanto, é que frequentemente são as próprias mulheres que acabam absorvendo e reproduzindo os “signos correntes da ‘hierarquia sexual’” e buscando por isso pois, caso contrário, seria como se elas dominassem, e a ideia de um homem diminuído faz, paradoxalmente, com que elas se sintam socialmente diminuídas. A reputação social do homem que está ao seu lado é por elas absorvida (Idem).

No decorrer do texto, Linhares (18/04/2016)³¹ conta que Marcela, apesar da formação em Direito, nunca exerceu a profissão. Suas únicas (e curtas) experiências de trabalho foram em funções tradicionalmente femininas: recepcionista e modelo – tendo participado de dois concursos de miss. “Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também” (Idem)³²; ela configura o “ideal de mulher”, a “boa mãe” que vence enquanto a mulher independente – simbolizada pela figura de Dilma – é punida (FALUDI, 2001, p. 128), reproduzindo o argumento utilizado pelo *backlash* antifeminista de que “as mulheres se saem melhor quando ‘protegidas’ do que quando ‘iguais’” (Ibidem, p. 42).

A reportagem quer mostrar que Marcela é uma mulher feliz com as escolhas que fez. Ela é a representação da *Good Housekeeping* – a mesma criada durante o “movimento de volta ao lar” dos anos 50 nos Estados Unidos –, a mulher que volta “para o seu nicho doméstico” alegremente, e não por falta de opção (Ibidem, p. 74). Esse tipo de discurso faz parte de uma das estratégias de reafirmação da dominação:

[...] atribuir às mulheres a responsabilidade de sua própria opressão, sugerindo, como já se fez algumas vezes, que elas *escolhem* adotar práticas submissas (“as mulheres são seus piores inimigos”) ou mesmo que elas gostam dessa dominação, que elas “se deleitam” com os

³⁰ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>> Acesso em: 16/10/2016

³¹ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>> Acesso em: 16/10/2016

³² Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>> Acesso em: 16/10/2016

tratamentos que lhes são infligidos, devido a uma espécie de masoquismo constitutivo de sua natureza. (BOURDIEU, 2002, p.52 – grifo do autor)

Linhares (18/04/2016)³³ segue, descrevendo Marcela como uma mulher discreta, que não gosta de aparecer em público, que chama atenção pela beleza “mas sempre foi recatada” e que prefere usar roupas discretas – de cores clara e que cubram os joelhos. Marcela é “feminina” por excluir de si quaisquer traços de “masculinidade” (BUTLER, 2016, p. 101), ela responde a todas os requisitos impostos pela dominação masculina, que mede a feminilidade “pela arte de ‘se fazer pequena’” (BOURDIEU, 2002, p. 39).

Na dominação masculina as mulheres são objetos simbólicos atuando para o outro: “Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. (Ibidem, p. 82)

A reportagem usa, assim, Marcela Temer como mulher-troféu: aquela que é capaz de aumentar o capital simbólico do homem que a “possui”. Manter a sua imagem como “perfeita” funciona na mesma lógica do cuidado com um bem material, pois deve ter o valor mantido. Esse padrão de relacionamento não é exclusivo do casal Temer, ele se repete de tal forma que existem até mesmo sites de relacionamento específicos para unir homens mais velhos e ricos a mulheres belas e jovens. A imagem de Marcela foi, inclusive, divulgada na Internet como propaganda de um exemplo bem-sucedido de *sugar baby*³⁴ – o que fez com que Michel abrisse um processo contra o site³⁵.

Por fim, vale recordar que no final de 2015 Michel Temer havia exposto, em uma carta enviada para Dilma Rousseff, sua insatisfação por estar se sentindo um “vice decorativo”³⁶. Agora, parece que fica claro o que estava implícito nessa situação: é papel da mulher – e não do homem – ser decorativa. Estes são tempos de *backlash* e, nesse sentido, a reportagem de Linhares (18/04/2016)³⁷ se enquadra perfeitamente nos seus propósitos.

³³ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>> Acesso em: 16/10/2016

³⁴ Expressão em inglês para fazer referência à mulher mais nova que se casa com um homem mais velho e rico, o *sugar daddy*.

³⁵ Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/planalto-vai-processar-site-de-relacionamentos-que-cita-marcela-temer-como-mau-exemplo.html>> Acesso em 02/12/2016

³⁶ Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/leia-integra-da-carta-enviada-pelo-vice-michel-temer-dilma.html>> Acesso em: 16/10/2016

³⁷ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>> Acesso em: 16/10/2016

Foi a realidade da mulher trabalhadora que provocou a exacerbação das fantasias culturais acerca do seu papel como dona-de-casa e parceira no sexo. Como as estudiosas de literatura Sandra M. Gilbert e Susan Gubar observam acerca da época pós-guerra, “quanto mais as mulheres eram pagas para usar o cérebro, mais os homens as descreviam em romances, peças e poemas como sendo apenas corpos”. (FALUDI, 2001, p. 72)

3. A MISOGINIA

O termo misoginia – desprezo ou aversão às mulheres, de acordo com o dicionário *Aurélio*³⁸ – é usado para se referir ao ódio direcionado às mulheres. Fruto do patriarcado, expressa um pensamento machista – no entanto os dois conceitos não têm o mesmo significado. Todo misógino é machista, evidentemente; porém nem todo machista é necessariamente misógino. Este último inferioriza a mulher não por ser passiva, e sim por ser o agente causador do seu sofrimento. O misógino busca o porquê dos infortúnios de sua vida, ou mesmo do mundo, e encontra sua resposta na figura da mulher.

Acho que toda misoginia é machista, mas nem todo machismo é misógino. Por exemplo, querer que a mulher se case virgem é machismo. Dizer que lugar de mulher é na cozinha é machismo. Achar que mulher gosta de ouvir baixaria na rua é machismo. A misoginia vai além – é o ódio à mulher. É espancar, estuprar, ou matar uma mulher ou dizer que ela mereceu ser espancada, estuprada ou morta. (ARONOVICH, 12/02/2009)³⁹

Decifrar tal pensamento denota, primeiramente, compreender um paradoxo intrínseco ao sistema patriarcal: a existência da “mulher”, ao mesmo tempo em que se faz necessária, já que funciona como evidência da superioridade masculina, representa também uma potencial ameaça a esse sistema. Para que os homens dominem, é inevitável que haja a mulher sendo dominada. Entretanto, a possibilidade de uma revolta feminina contra sua posição subalterna faz com que os homens desenvolvam outros mecanismos para mantê-las sob constante controle – mesmo que para isso seja necessária violência.

O “adestramento dos corpos” (BOURDIEU, 2002, p. 71), que desde o nascimento insere códigos de comportamento social sob as mulheres, muitas vezes não é suficiente para que estas reproduzam sem questionamento sua condição inferiorizada. Dessa forma, cria-se em paralelo o argumento de que a “essência feminina” é irracional e perigosa, algo a ser evitado e que vai servir de justificativa para mantê-la sob o domínio masculino (SCHIMITT-PANTELL, 2003).

Na tradição grega, o mito de Pandora conta que quando Prometeu roubou o fogo dos deuses para entregar aos homens, Zeus decidiu se vingar. Todos os deuses se uniram, então, para criar a primeira mulher, Pandora, que foi enviada como presente para os

³⁸ Disponível em: <<https://contas.tcu.gov.br/dicionario/home.asp>> Acesso em 10/11/2016

³⁹ Disponível em: <<http://escrevalolaescrava.blogspot.com.br/2009/02/misoginia-machismo-e-rihanna-espancada.html>> Acesso em: 20/11/2016

mortais. Apesar de linda e sedutora, ela significaria a ruína dos homens: ao ser enviada para a terra, Pandora trazia consigo um jarro que, ao ser por ela aberto, liberou todos os males da humanidade (LOPES, 2002, p. 494).

No livro *Genesis*, que descreve a criação na tradição judaico-cristã, a primeira mulher também aparece como culpada. É Eva que, ao ser seduzida pela serpente e provar do fruto proibido, comete o primeiro pecado e se torna a responsável pela expulsão da humanidade do paraíso. “A serpente escolheu-a por interlocutora – o que a tornou *instrumentum diaboli* – por saber que era o elo mais fraco” (LOPES, 2002, pp. 504-505).

Ambas as narrativas “são variantes de um mito muito disseminado, que cria a mulher como categoria secundária, posterior à criação ou à existência primeira dos homens. Associa a criação da mulher à origem daquilo que se pode denominar “condição humana”, ou seja, à introdução da morte e do mal no mundo” (SCHIMITT-PANTEL, 2003, p. 130). São essas as raízes que vão sustentar a crença de que a mulher precisa estar sob a tutela do homem e a ele subordinada, pois sozinha estaria condenada a levar toda a civilização ao fracasso.

Seguindo a estrutura dicotômica que contrapõe perfeito/imperfeito, mente/corpo, bom/mau, a mulher aparece sempre como o avesso negativo do homem. Ela é a natureza que precisa ser dominada pela cultura (BUTLER, 2016, pp. 74-15), é a emoção que precisa ser contida pela razão (LOPES, 2002, p. 496). Assim se justifica a repressão das mulheres; dentro de uma lógica em que qualquer tentativa por parte delas de transgredir ou romper com esse sistema é tida como algo ruim e acaba reafirmando os argumentos que o sustentam (BOURDIEU, 2002, p. 43). “As mulheres, façam o que fizerem, estão, assim, condenadas a dar provas de sua malignidade e a justificar a volta às proibições e ao preconceito que lhes atribui uma essência maléfica” (Ibidem, p.44).

É a partir desse raciocínio que nasce a misoginia, visto que desloca para o feminino a culpa de toda a desgraça humana (LOPES, 2002; SCHIMITT-PANTEL, 2003). A mulher passa a ser a significação do desvio, do pecado, do impuro – sendo, assim, merecedora do castigo. Esse princípio desperta e naturaliza o ódio contra as mulheres, servindo para legitimar todo tipo de violência contra elas.

A partir dessa conceituação básica, os subcapítulos seguintes analisarão situações em que a imprensa se utilizou de discursos violentos dirigidos à figura da ex-presidenta Dilma, reproduzindo pensamentos misóginos na sociedade.

3.1 Dilma na “fogueira da Inquisição”

A edição de 04 de maio de 2016 do jornal *O Estado de São Paulo* estampava na capa uma foto de Dilma durante a cerimônia de acendimento da tocha olímpica – foto que também foi publicada na página 50 da revista *Veja*, edição nº 2477, de 11 de maio de 2016⁴⁰. O que poderia ser uma imagem comum, carregava um forte valor simbólico: ela foi captada a partir de um ângulo que causa a impressão de que Dilma estaria sendo queimada.

Figura 3: Dilma e a tocha olímpica



Figura 3
Fonte: Dida Sampaio/ Estadão⁴¹

A dimensão intertextual de um discurso é algo que não pode ser ignorado em uma análise, pois todo enunciado, de alguma forma, remete a outros, tendo seu significado definido por meio dessas relações (FAIRCLOUGH, 2001, pp. 72-81). Isto posto, entender a potência discursiva e ideológica que essa foto carrega é, inevitavelmente, entender seu caráter intertextual – melhor dizendo, é captar suas referências.

⁴⁰ Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/37084?page=50§ion=1>> Acesso em: 16/10/2016

⁴¹ Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160504-44759-nac-1-pri-a1-not>> Acesso em: 16/10/2016

A imagem de uma mulher em meio a chamas é muito conhecida popularmente; alude ao famigerado e sombrio período da história em que mulheres eram queimadas nas fogueiras da Inquisição. Durante a Idade Média, por mais de quatro séculos – entre os anos 1450 e 1750, aproximadamente –, estima-se que cerca de 9 milhões de pessoas foram julgadas e mortas nos chamados tribunais católicos da Santa Inquisição, sob acusação de praticar heresia ou “bruxaria”. Dentre as vítimas, mais de 80% eram mulheres (ANGELIN, 2012)⁴².

A mulher, sendo mais fraca e frágil que o homem, está mais propensa a ser manipulada pelo demônio, diziam. Lopes (2002, p. 507) escreve que Tertuliano, um dos primeiros autores do cristianismo, culpava Eva – e todas as suas “filhas” – até mesmo pela morte de Jesus, propagando que ela seria “a porta do Diabo” e incitando a necessidade da “condenação viva”. Na mesma linha, São Jerônimo também criticava a mulher, chamando-a de “mais amarga que a morte”, “armadilha em que se deixa prender o pecador” e “captora das almas preciosas dos homens” (Ibidem, p. 508). Foi por isso que, no contexto medieval, instaurou-se a “caça às bruxas”, punindo as mulheres por subverterem as leis divinas.

O dado mais relevante para este trabalho é que, de acordo com os registros sobre esse período, as ditas “bruxas” na verdade eram, em grande parte das vezes, mulheres que tinham conhecimentos ligados a medicina e cura de enfermidades (tarefas masculinas) ou que de alguma forma portavam um poder social mais elevado. Sendo assim, é possível supor que estas mulheres exerciam uma espécie de “contra-poder, afrontando o patriarcado e, principalmente, o poder da Igreja” (ANGELIN, 2012)⁴³.

[...] pode-se citar a camponesa Joana D’Arc, que aos 17 anos, em 1429, comandou o exército francês, lutando contra a ocupação inglesa. Esta acabou sendo julgada como feiticeira e herege pela Inquisição e queimada na fogueira antes de completar 20 anos. Diante disso, configurava-se a clara intenção da classe dominante em conter um avanço da atuação destas mulheres e em acabar com seu poder na

⁴² Disponível em: <<https://espacoacademico.wordpress.com/2012/08/04/a-caca-as-bruxas-uma-interpretacao-feminista>> Acesso em: 12/11/2016

⁴³ Disponível em: <<https://espacoacademico.wordpress.com/2012/08/04/a-caca-as-bruxas-uma-interpretacao-feminista>> Acesso em: 12/11/2016

sociedade, a tal ponto que se utilizava meios de simplesmente exterminá-las. (Idem)⁴⁴

Mesmo tão distantes no tempo, as histórias dessas mulheres infelizmente têm muito em comum com a atualidade. Da mesma forma que os tribunais católicos levaram mulheres para a fogueira como forma de punição – por ameaçarem o bom funcionamento da ordem social estabelecida –, as mulheres hoje continuam sendo vítimas do patriarcado. O fotógrafo responsável pela foto de Dilma coloca-a simbolicamente na fogueira: esse é o destino que querem para ela.

É importante ressaltar que essa não foi a única imagem divulgada pela imprensa que fez alusão à violência contra a ex-presidenta. No dia 21 de agosto de 2011, em uma reportagem que criticava Dilma e falava sobre a possibilidade do PMDB romper com ela na candidatura de 2014, o jornal *O Estado de São Paulo* estampou uma foto em que Dilma parecia estar sendo atravessada por uma espada em seu peito.

Figura 4: Dilma e a espada



Fonte: Wilton Junior/ Estadão⁴⁵

⁴⁴ Disponível em: <<https://espacoacademico.wordpress.com/2012/08/04/a-caca-as-bruxas-uma-interpretacao-feminista>> Acesso em: 12/11/2016

⁴⁵ Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20110821-43041-nac-7-pol-a7-not>> Acesso em: 03/11/2016

Já no período pós-reeleição, o jornal *O Globo* publicou – no domingo 08 de março de 2015 – uma charge em que Dilma aparecia de joelhos prestes a ser degolada por um integrante do grupo terrorista Estado Islâmico.

Figura 5: Dilma e o terrorista



Fonte: Chico Caruso/O Globo⁴⁶

O discurso da mídia tem grande influência na formação, propagação e naturalização de ideologias (FAIRCLOUGH, 2001). Sendo assim, é significativo ver veículos propagando imagens que fazem referência à violência contra uma mulher. Vale lembrar que o Brasil ocupa a 5ª posição no ranking mundial de países que mais cometem feminicídio, de acordo com dados da ONU Mulheres⁴⁷, o que prova a recorrência de um problema gravíssimo. Declarar a morte, mesmo que metafórica, de uma presidenta é reforçar ainda mais uma cultura misógina – institucionalizada a tal ponto que foi manifestada explicitamente em plena Câmara dos Deputados durante a votação do

⁴⁶ Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/sangramento-ou-degola-oposicao-disputa-o-comando-do-estado-islamico.html>> Acesso em: 03/11/2016

⁴⁷ Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf> Acesso em: 15/11/2016

processo de impeachment, quando o deputado Jair Bolsonaro discursou prestando homenagem ao coronel Brilhante Ustra, responsável por conduzir episódios de tortura vividos por centenas de pessoas durante a ditadura civil-militar, dentre elas a própria Dilma Rousseff⁴⁸.

Em tempos de backlash imagens de mulheres coagidas povoam os museus da cultura popular. Podemos vê-las silenciadas, infantilizadas, imobilizadas ou, no nível mais alto da repressão, mortas. A mulher torna-se uma congelada figura doméstica, uma paciente acamada, um anônimo corpo imóvel. Ela é a mulher comatosa que aparece nos anúncios do Opium e de muitos outros perfumes dos anos 80. Ela é a Laura Palmer, mulher morta em *Twin Peaks*, que a *Esquire* escolheu para a capa do exemplar dedicado às “Mulheres que amamos”. Embora tenha havido alguns casos – Murphy Brown na TV ou, de certa forma, Madonna na música – em que uma figura feminina agressiva e determinada conseguiu enfrentar com sucesso a opinião pública corrente, eles continuam sendo exceções. Via de regra, mulheres sem papas na língua têm sido caladas na tela e no palco ou, como no caso de Roseanne Barr, publicamente censuradas – reservando-se o aplauso para as suas mais complacentes e sussurrantes irmãs. Nos últimos dez anos, a mídia, o cinema, a indústria da moda e dos cosméticos têm unanimemente louvado a modesta e recatada mulher-menina – uma “lady” neovitoriana de rosto pálido, uma criaturazinha delicada que fica em casa, fala baixinho e apara as próprias asas vestindo roupas restritivas. Tudo o que lhe acontece pelo menos na cultura estabelecida, é mostrado como sendo “escolha” dela. (FALUDI, 2001, p. 87 – grifo da autora)

As demonstrações de ódio e violência são formas de conter os possíveis avanços dos grupos reprimidos, assim como uma maneira que os repressores encontram para defenderem sua honra e virilidade (BOURDIEU, 2002, pp. 65-66), reafirmando seu poder. Além disso, o pensamento misógino deixa implícito que as mulheres são propriedade masculina e, sendo assim, até suas vidas estão nas mãos dos homens. Conseqüentemente, eles se enxergam na posição de decidir tirar delas a vida – ou o poder, a dignidade, o cargo político – caso não estejam mais “se comportando como o desejado” ou estejam de alguma forma pondo em risco as estruturas patriarcais.

O que fica implícito nessas imagens é que, independentemente de Dilma ter sido eleita democraticamente, são eles que detêm o poder (como sempre foi) e, dessa forma, podem mandar – queimá-la, degolá-la – assassiná-la, mesmo que apenas figurativamente,

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2016/04/18/quem-e-o-coronel-brilhantes-ustra-homenageado-por-bolsonaro/>> Acesso em: 13/11/2016

politicamente. Como na história de tantas mulheres que ousam romper com a dominação masculina: a misoginia é sempre um ponto em comum.

3.2 “As explosões nervosas da presidente”

A violência misógina nem sempre se manifesta de maneira física – ou fazendo alusão à agressão física –, ela pode aparecer também de uma forma mais sutil, através da violência emocional. A capa da revista *IstoÉ*, da edição número 2417, de 06 de abril de 2016, é um exemplo de um tipo muito difundido de ataque psicológico direcionado às mulheres: o *gaslighting*.

Figura 6: Capa da *IstoÉ*



Fonte: Nuvem do jornalista⁴⁹

⁴⁹ Disponível em: <<http://www.nuvemdojornaleiro.com.br/Collections/conteudo/13719373>> Acesso em: 04/10/2016

O termo em inglês *gaslighting* teve sua origem a partir do filme estadunidense “À Meia Luz” (“*Gaslight*”, no original), de 1944, no qual um homem manipula psicologicamente sua mulher, fazendo-a acreditar que enlouqueceu, para que ela fosse internada como doente mental e que ele ficasse com sua fortuna (LIGUORI, 2015)⁵⁰. A expressão é usada para se referir a esse tipo de violência emocional que leva a mulher e as pessoas ao seu redor a julgarem que ela está louca ou que é incapaz (Idem)⁵¹.

A vinculação entre distúrbios mentais e a mulher remonta à história da histeria, palavra derivada do grego *hystéra*, que significa útero (RANGEL, 2008, p. 58). Na Antiguidade, essa era considerada uma doença feminina, que teria origem no útero e estaria ligada à abstinência sexual e ao desejo não realizado de se ter um filho (Idem). Com a ascensão do cristianismo, passa-se a considerar que as “histéricas” estariam, na verdade, possuídas pelo demônio ou sob algum feitiço, já que a relação com o prazer sexual era vista como pecado (Ibidem, p. 59).

Foi somente no século XIX que a histeria passou a ser considerada uma doença de ambos os sexos (Ibidem, p. 99), entretanto os médicos continuaram a afirmar que ela ocorre de maneira muito mais frequente entre as mulheres. Para Freud (apud RANGEL, 2008, p. 77), essa maior propensão feminina à histeria decorreria da “passividade sexual natural das mulheres”.

Quando Freud começou a escutar as pacientes histéricas – que eram tratadas como degeneradas em hospitais psiquiátricos –, descreveu como a “insatisfação cotidiana de quem não se conformava com as amarras das obrigações familiares e com a monotonia da vida entre quatro paredes” (ARÁN, 2009)⁵². A partir dos estudos sobre essa patologia, que culminaram no nascimento da psicanálise, chegou-se à conclusão de que a histeria é uma “resistência à posição feminina” (RANGEL, 2008, p. 100).

De acordo com a teoria psicanalítica, a mulher assume sua feminilidade ao concordar em ocupar o lugar de objeto em relação ao homem, um complemento do desejo masculino (Ibidem, p. 89). O que ocorre com as histéricas é que elas não aceitam essa posição de objetos, elas não querem ser “para o homem”, elas não querem satisfazê-lo.

⁵⁰ Disponível em: <<http://thinkolga.com/2015/04/09/o-machismo-tambem-mora-nos-detalhes/>> Acesso em: 27/09/2016

⁵¹ Disponível em: <<http://thinkolga.com/2015/04/09/o-machismo-tambem-mora-nos-detalhes/>> Acesso em: 27/09/2016

⁵² Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/psicanalise-e-feminismo>> Acesso em 18/10/2016

Diante disso, atuam “na contramão de sua natureza feminina”, entrando “em contato com a função viril”, pois “não suportam a sua castração” (Ibidem, pp. 91-100).

Contudo, deve-se assinalar que apesar de a psicanálise ter surgido nesse cenário em que mulheres expunham sua potência e insatisfação com a dominação masculina, o próprio Freud não incentiva a empreitada de romper com esse sistema e, ao contrário, cria o conceito da “mulher fálica”, que seria um perigo iminente e deveria ser “domesticada pelo masculino”. Ideia que serviu de alicerce para uma de suas afirmações mais polêmicas: “a de que ‘as mulheres se opõem à civilização’” (ARÁN, 2009)⁵³. Mais uma vez, a mulher que não aceita se submeter à dominação é vista como um mal a ser combatido.

Com o tempo, o termo histeria passou a ser usado popularmente numa acepção pejorativa para se afirmar que as mulheres são mais emotivas, gritam e se descontrolam mais facilmente (NOGUEIRA, 2016)⁵⁴. O senso comum reproduz o discurso de que elas são loucas, automatizando e naturalizando essa ideologia (FAIRCLOUGH, 2001, pp. 117-123) que serve como arma para deslegitimar a fala e autoridade das mulheres. Tendo em vista a importância do discurso na construção de poder e das relações sociais, criam-se procedimentos que restrinjam e controlem o que pode ser dito e por quem, por meio de oposições como razão/loucura e verdadeiro/falso (Ibidem, p. 76).

Alegar a perda de razão de uma mulher é tirar o seu poder. É por isso que o *backlash* se utiliza desse estereótipo como estratégia de opressão. Faludi (2001) descreve diversos momentos em que o argumento psicológico foi usado para inferiorizar a mulher.

Segundo a cartilha do *backlash*, havia dois tipos de mulheres particularmente sujeitas a um colapso nervoso: as solteiras e as profissionais bem-sucedidas. De acordo com dezenas de artigos, manuais de psicologia barata e livros sobre a saúde da mulher, as solteiras estavam como nunca sujeitas a crises depressivas, enquanto as profissionais “entravam em curto” (FALUDI, 2001, p. 53).

Na reportagem da revista *IstoÉ*, intitulada “Uma presidente fora de si” (01/04/2016)⁵⁵, os jornalistas Débora Bergamasco e Sérgio Pardellas recorrem a essa tática. Logo no subtítulo afirmam que Dilma perdeu “o equilíbrio e as condições

⁵³ Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/psicanalise-e-feminismo>> Acesso em 18/10/2016

⁵⁴ Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/o-que-e-histeria>> Acesso em 18/10/2016

⁵⁵ Disponível em: <http://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/> Acesso em: 04/10/2016

emocionais para conduzir o país”, já dando indícios da motivação do texto. Ao longo dos parágrafos, descrevem supostas situações protagonizadas pela ex-presidenta nas quais ela teria mostrado descontrole emocional, xingando funcionários, tendo “surto” e exibindo “total desconexão com a realidade do país” (BERGAMASCO&PARDELLAS, 01/04/2016)⁵⁶.

Um ponto fundamental para esta análise é que durante toda a reportagem nenhuma fonte é identificada. Todos os episódios são ligados a nomes genéricos como “assessores palacianos”, “seus auxiliares”, “os mais próximos da presidente”, “um de seus assessores”, “outro interlocutor frequente”, “um importante assessor palaciano”, ou mesmo seguidos apenas da frase “segundo relatos” e se utilizando de verbos no futuro do pretérito, dando ao texto características de fofoca, como é possível ver no trecho: “Dilma teria, segundo o testemunho de um integrante do primeiro escalão do governo, avariado um móvel de seu gabinete, depois de emitir uma série de xingamentos” (Idem)⁵⁷. A professora da Escola de Comunicação da UFRJ, Ivana Bentes, em um artigo para a revista Forum, comentou:

O texto é uma peça de como a mídia passa a usar da pessoalização, de argumentos e análises extra política para demolir a pessoa, o caráter, construindo um personagem de ficção em que a Presidenta é comparada com “Maria, a Louca”, uma “autista” com uma retórica “cretina” e cuja permanência significa uma ameaça de “volta do terror”(!) Passam de um estereótipo, “a gerentona masculinizada”, para outro: o da mulher acuada e descontrolada que responde a um ataque político não com articulação, atos, ações e discursos, mas como uma mulher histérica e furiosa quebrando móveis! (BENTES, 02/04/2016)⁵⁸

Os jornalistas continuam o texto alegando que Dilma Rousseff estaria sendo medicada – indicando, inclusive, os nomes dos remédios e explicando que um deles é usado no tratamento da esquizofrenia. O que a reportagem pretende ao fornecer esse tipo de informação? Nitidamente questionar a sanidade mental da ex-presidenta e depreciar sua imagem. Ademais, o tom de boato presente no texto é tão forte que os autores abrem mão até mesmo das “vozes de autoridade” às quais normalmente recorrem os jornalistas para julgar ou opinar sobre assuntos específicos (FAIRCLOUGH, 2001, p; 144). Nesse

⁵⁶ Disponível em: <http://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/> Acesso em: 04/10/2016

⁵⁷ Disponível em: <http://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/> Acesso em: 04/10/2016

⁵⁸ Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2016/04/02/ivana-bentes-istoe-usa-estereotipos-machistas-e-misoginos-para-tentar-desqualificar-dilma>> Acesso em: 27/09/2016

caso, por exemplo, seria esperada uma fala de algum psiquiatra ou psicólogo que desse um parecer a respeito dos eventos relatados. No entanto eles apenas afirmam: “A medicação nem sempre apresenta eficácia, como é possível notar” ou “mas não precisa ser psicanalista para perceber que, nas últimas semanas, a presidente desmantelou-se emocionalmente” (BERGAMASCO&PARDELLAS, 01/04/2016)⁵⁹.

Fairclough (2001, p. 141) lembra que na imprensa sensacionalista não existe uma diferenciação tão clara entre “reportagem” e “opinião”, havendo diversos casos em que não se sabe ao certo de quem é a voz que fala, se é de algum especialista ou do próprio jornal. Esse comentário ilustra bem a situação da referida reportagem, como também é possível observar em passagens em que há um julgamento em relação às condições de Dilma para continuar no cargo: “Não bastassem as crises moral, política e econômica, Dilma Rousseff perdeu também as condições emocionais para conduzir o governo” e “Os surtos, os seguidos destemperos e a negação da realidade revelam uma presidente completamente fora do eixo e incapaz de gerir o País” (BERGAMASCO&PARDELLAS, 01/04/2016)⁶⁰.

Os adjetivos utilizados para desqualificar a Presidenta mulher fazem parte de um extenso vocabulário moral, científico, médico e psicanalítico de destituição do feminino como força política, como sujeito social e como modo de ser e existir: mulheres irascíveis, fora de si, vingativas, destemperadas e moralmente e psicologicamente condenáveis! “Elas” seriam incapazes de conduzir a política e estar no comando de um país! (BENTES, 02/04/2016)⁶¹

A estratégia do *gaslighting* para abalar a imagem pública de mulheres de poder não é uma exclusividade da imprensa brasileira. Internacionalmente, outras mulheres também foram vítimas desse discurso. Em sua página no facebook, a Think Olga, ONG dedicada ao empoderamento feminino, publicou, no dia 02/04/2016, exemplos em que Michelle Obama (ex primeira-dama dos EUA), Hillary Clinton (candidata à presidência dos EUA derrotada por Donald Trump), Angela Merkel (primeira-ministra da Alemanha) e Cristina Kirchner (ex-presidenta da Argentina) foram retratadas como loucas ou descontroladas.

⁵⁹ Disponível em: <http://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/> Acesso em: 04/10/2016

⁶⁰ Disponível em: <http://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/> Acesso em: 04/10/2016

⁶¹ Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2016/04/02/ivana-bentes-istoe-usa-estereotipos-machistas-e-misoginos-para-tentar-desqualificar-dilma>> Acesso em: 27/09/2016

Figura 7: Gaslighting



Fonte: facebook/Think Olga⁶²

A educação das mulheres é orientada para a contenção de seus movimentos e reações, para que falem baixo, sejam discretas e não expressem publicamente raiva ou violência (GUILLAUMIN, 1992). Assim, quando agem de maneira diferente do

⁶²

Disponível

em:

<<https://www.facebook.com/thinkolga/photos/a.289412727860922.1073741826.289405207861674/764431693692354/?type=3&theater>> Acesso em: 27/09/2016

esperado, são duramente criticadas. O objetivo é sempre controlá-las e mantê-las submissas através de todo tipo de argumentação, até mesmo recomendando essa atitude como meio para lograrem ser “superiores”, “saindo por cima”, como indicou Faludi:

Consiga o “poder” “rendendo-se” e “sujeitando-se” a qualquer desejo do seu homem, avisava um dos principais manuais de auto-ajuda dos anos 80, com uma típica retórica de tom feminista. Não retruque, pois um silêncio de dama “fortalecerá” a sua noção de “dignidade” e de “domínio (FALUDI, 2001, p. 334)

Por outro lado, com os homens acontece o oposto. A ideia de masculinidade e virilidade é ligada ao tom de voz mais alto, movimentos largos e até mesmo ações agressivas. Sendo assim, na criação masculina esses comportamentos são frequentemente valorizados (GUILLAUMIN, 1992). Uma amostra desse contraste é a capa da revista *Época*, edição nº632, de 26/06/2010, que traz o título “O dom da fúria”, com a reportagem principal “Como usar a raiva a seu favor”⁶³ que usa as explosões de raiva do ex técnico da seleção brasileira de futebol, Dunga, como exemplo de como esses episódios podem funcionar enquanto motivadores para superar obstáculos. Ou seja, o discurso pejorativo do descontrole como distúrbio patológico é voltado para as mulheres, ao passo que para os homens essa postura é tratada até mesmo como virtude. Podemos especular que todo o discurso científico que envolve a psique feminina talvez seja apenas uma produção a serviço de interesses políticos e sociais (BUTLER, 2016, p.27).

⁶³ Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI150678-17820,00.html>> Acesso em: 30/09/2016

Figura 8: O dom da fúria

Fonte: site-revista⁶⁴

⁶⁴ Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/ImageShow/0,,201720,00.jpg>> Acesso em: 30/09/2016

4. A LINGUAGEM

A linguagem projeta feixes de realidade sobre o corpo social
(WITTIG apud BUTLER, 2016, p. 193)

De todas as formas de discriminação de gênero, talvez a mais sutil ocorra por meio da linguagem pois ela é “um fato tão cotidiano que a assumimos como natural e muito poucas vezes nos detemos a perguntar-nos o seu alcance e sua importância” (CERVERA&FRANCO, 2006, p. 12). A assimilação da linguagem ocorre desde o momento do nascimento e é por meio dela que se dá o processo de compreensão do mundo e dos valores imperantes na sociedade. É através das palavras que não apenas se nomeiam as coisas que existem, como também determinam-se crenças, princípios morais, sentimentos e as diferenças (Ibidem, p. 13). Entretanto, é essencial enxergar que a linguagem é uma construção, uma invenção cultural que reflete e molda as ações e a forma como se percebe o entorno.

A linguagem não é algo natural, mas sim uma constituição social e histórica, que varia de uma cultura para outra, que se aprende e que se ensina, que forma nossa maneira de pensar e de perceber a realidade, o mundo que nos rodeia e o que é mais importante: pode ser modificada. (Ibidem, pp. 12-13)

Sabendo-se que a sociedade funciona em uma lógica androcêntrica, é possível supor que isso também esteja refletido nas estruturas da linguagem como ela é usada. Bourdieu (2002, p. 78) explica que os grupos dominantes buscam transformar a si mesmos como forma universal. Nesse sentido, é ingênuo acreditar que a linguagem esteja fora desse sistema. Dentro dos discursos, o masculino é utilizado não apenas como neutro, ele traz consigo também a definição de excelência (Idem) – como é possível provar através de uma análise das diferenças de sentido entre palavras como “governante” e “governanta”: a primeira faz referência a um chefe de governo enquanto a segunda se refere à pessoa que gerencia os empregados dentro de casa (CERVERA&FRANCO, 2006, p. 22). Ou seja, “governante” tem um *status* social muito mais elevado do que “governanta”; além de ser ligado à vida pública em contraposição à vida privada, doméstica, da versão feminina do termo.

Na sociedade patriarcal, o emprego da linguagem é uma forma de dominação e sua ação cria “uma hierarquia que se transforma em realidade social” (BUTLER, 2016,

p. 205). Nada do que é dito é realmente neutro: todo processo de escolha lexical, construções gramaticais, e outros recursos linguísticos, mesmo quando feita de maneira inconsciente, é carregado de ideologias (FAIRCLOUGH, 2001). Como explicitou Simone de Beauvoir (apud CERVERA & FRANCO, 2006, p. 16): “a língua corrente está cheia de armadilhas. Pretende ser universal, mas leva, de fato, as marcas dos machos que a elaboraram. Reflete seus valores, suas pretensões, seus preconceitos”.

Na língua portuguesa, os próprios substantivos “homem” e “mulher” aludem à ordem patriarcal. De acordo com o dicionário *Aurélio*, “homem” pode ser entendido como o ser humano do sexo masculino, o adolescente que atingiu a virilidade, mas também pode representar a humanidade como um todo. Já “mulher” significa apenas o ser humano do sexo feminino, “uma parcela da humanidade”, “adolescente do sexo feminino que atingiu a puberdade” ou ainda “mulher dotada das chamadas qualidades e sentimentos femininos (carinho, compreensão, dedicação ao lar e à família, intuição)”; além de ter uma de suas definições em função da relação com alguém do sexo masculino, ou seja, a parceira sexual ou a esposa (CERVERA&FRANCO, 2006, p. 18).

Sabe-se ainda que, ao falar sobre um grupo misto, o uso do masculino é o que prevalece, de forma que as mulheres presentes são invisibilizadas. Ao dizer “todos”, por exemplo, o interlocutor não pode ter certeza se tratam-se de homens e mulheres ou apenas homens. A linguagem faz isso de maneira quase imperceptível, apaga as mulheres das ações, funcionando como um agente da dominação masculina. Wittig (apud Butler, 2016, p. 48) considera que “o gênero é o índice linguístico da oposição política entre os sexos”, existindo apenas um gênero, que seria o feminino, pois o masculino é o geral. De acordo com ela, porém, a linguagem também pode ser usada para derrubar essa lógica. Um exemplo foi sua experiência literária na qual utiliza o feminino no lugar de todos os pronomes usados no sentido universal, alegando querer não “feminizar o mundo, mas tornar as categorias de sexo obsoletas na linguagem” (BUTLER, 2016, pp. 207-208).

O poder da linguagem de atuar sobre os corpos é tanto causa da opressão sexual como caminho para ir além dela. [...] Ela pressupõe e altera seu poder de ação sobre o real por meio de atos elocutivos que, repetidos, tornam-se práticas consolidadas e, finalmente, instituições. A estrutura assimétrica da linguagem, que identifica com o masculino o sujeito que representa e fala como universal, e que identifica o falante do sexo feminino como “particular” e “interessado”, absolutamente não é intrínseca a línguas particulares ou à linguagem ela mesma. Não podemos achar que essas posições assimétricas decorram da “natureza”

dos homens e das mulheres, pois, como estabeleceu Beauvoir, tal “natureza” não existe (Ibidem, p. 202)

Dessa forma, fica nítido que a língua pode refletir, transmitir, criar e reforçar os estereótipos e papéis sociais que o senso comum considera femininos ou masculinos, sendo “um dos agentes de socialização de gênero mais importantes ao moldar nosso pensamento e transmitir uma discriminação por motivo de sexo” (CERVERA&FRANCO, 2006, p. 14). Os casos que serão analisados a seguir tratam, assim, de situações em que a linguagem e seus mecanismos foram usados pela imprensa como instrumento de discriminação de gênero direcionados à presidenta Dilma Rousseff.

4.1 “Tchau, querida”

O machismo na linguagem não se manifesta apenas por meio da universalização do masculino, nem do significado estrito das palavras. Outros artifícios, como o uso de figuras de linguagem, também podem traduzir o preconceito contra as mulheres. Um caso que ficou muito conhecido no período em que se desenrolou o processo de impeachment da presidenta Dilma foi a ironia revelada através do bordão “Tchau, querida”, repetido inúmeras vezes por opositores ao governo e que foi estampado na capa da edição nº 2477, de maio de 2016, da revista *Veja* (Figura 6).

A expressão “Tchau, querida” surgiu a partir de um áudio vazado durante as investigações da operação Lava-Jato. O áudio é uma conversa ao telefone – grampeada ilegalmente – entre o ex-presidente Lula e a presidenta Dilma na qual Lula se despede de Dilma dizendo a referida frase.

Absorver o verdadeiro sentido de um determinado discurso implica em levar em consideração o contexto, o tipo de discurso, a situação, assim como quem são os participantes e qual é a relação entre eles (FAIRCLOUGH, 2001). Lula e Dilma são amigos, têm uma relação de carinho, ao chamá-la de “querida”, portanto, ele realmente estava expressando por ela o sentido estrito dessa palavra: ela é alguém que ele quer bem.

Figura 9: Capa da Veja



Fonte: Acervo Veja⁶⁵

Após o conteúdo da gravação ter sido divulgado pela mídia, os opositores ao governo se apropriaram da frase e passaram a reproduzi-la, em tom de deboche, para se “despedirem” dela no cargo de presidenta. Nesse caso, é claro que Dilma não é “querida” por nenhuma dessas pessoas que passaram a usar o bordão. A ironia não é simplesmente “dizer uma coisa querendo dizer outra” (Ibidem, pp. 158-159), para entender o funcionamento da ironia é preciso levar em conta sua natureza intertextual: “o fato de que um enunciado irônico ‘ecoa’ o enunciado de um outro”. Ou seja, ser irônico é dizer algo que faz referência ou retoma algo que já foi dito, porém com uma disparidade de significado modificando a função real do que havia sido dito originalmente e expressando uma ideia negativa sobre ele. (Idem)

Observe que a ironia depende de os intérpretes serem capazes de reconhecer que o significado de um texto ecoado não é o significado do produtor do texto. Esse reconhecimento poder ser baseado em vários

⁶⁵ Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/37084?page=1§ion=1>> Acesso em: 04/10/2016

fatores: [...] pressupostos dos intérpretes sobre as crenças ou os valores do(a) produtor(a) do texto. (Idem)

Além de sua construção irônica, o bordão “Tchau, querida” também é uma representação de um recurso muito comum para desqualificar socialmente as mulheres. Fora de uma situação de intimidade, chamar uma mulher de “minha querida”, “minha linda”, é diminuí-la, mesmo que inconscientemente. É uma maneira de tirá-la do espaço público e de sua posição de respeito e trazê-la para o espaço privado, reduzindo-a ao que se espera da “mulher” e exercendo uma forma de violência simbólica, como expõe Bourdieu:

[os homens] realizam atos discriminatórios, excluindo as mulheres, sem nem se colocar a questão, de posições de autoridade, reduzindo suas reivindicações a caprichos, merecedores de uma palavra de apaziguamento ou de um tapinha na face, ou então, com intenção aparentemente oposta, chamando-as e reduzindo-as, de algum modo, à sua feminilidade, pelo fato de desviar a atenção para seu penteado, ou para tal ou qual traço corporal, ou de usar, para dirigir-se a elas, de termos familiares (o nome próprio) ou íntimos (“minha menina”, “querida” etc) mesmo em uma situação “formal” (uma médica diante de seus pacientes), ou outras tantas “escolhas” infinitesimais do inconsciente que, acumulando-se, contribuem para construir a situação diminuída das mulheres e cujos efeitos estão registrados nas estatísticas da diminuta representação das mulheres nas posições de poder, sobretudo econômico e político. (BOURDIEU, 2002, pp. 74-75)

As regras de linguagem recomendam o uso de pronomes de tratamento ao se referir ou se dirigir a pessoas que ocupam cargos de poder ou posições de prestígio social para exprimir esse afastamento e respeito. Esses pronomes são um importante marcador de reverência, já que a proximidade ou intimidade costuma romper com as hierarquias, “quebrar o protocolo”. É por isso que juízes, deputados, senadores e também o ocupante da presidência da república são chamados de Vossa Excelência. Ao tratar Dilma Rousseff como “querida”, essa hierarquia é totalmente quebrada, Dilma é jogada para o patamar de apenas mais uma mulher subordinada aos homens, a mulher da casa, do espaço privado.

A forma de comunicação entre homens e mulheres e as interações entre os interlocutores estão impregnadas de sexismo: têm a intenção de remarcar e reafirmar a inferioridade feminina e supervalorizar o masculino – tal construção e seus significados mudam de forma mais ou menos intensa de segundo quem está falando e a quem (CERVERA&FRANCO, 2006, p.22). De toda forma, “a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma

prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas” (FAIRCLOUGH, 2001, p.93).

Estamos tratando de usos de linguagem, e a linguagem não somente comunica ideias e conceitos, mas também demonstra afetos, desejos, medos ou ódios – ainda que estejam operando subconscientemente. A utilização irônica – por algumas pessoas – da expressão “tchau, querida”, em um contexto profissional político (acirrado e predominantemente masculino, de baixíssima representatividade feminina), visa à inferiorização da pessoa tida como “querida”. Deixamos de tratar da pessoa jurídica Presidente da República e tratamos da pessoa física Dilma Rousseff, ou seja, deixamos o âmbito da crítica à gestora para irmos ao deboche à mulher. (GONZAGA, 19/04/2016)⁶⁶

Não bastassem os políticos e cidadãos pró-impeachment aderindo ao famoso “Tchau, querida”, a *Veja* coloca a frase em sua capa, dando um caráter quase oficial ao bordão. Visto que o jornalismo tem um discurso de autoridade e o poder de atingir um grande público e influenciá-lo, suas práticas discursivas se tornam ainda mais relevantes na transmissão de ideologias, mantendo as relações de poder tradicionais da sociedade (FAIRCLOUGH, 2001).

Ao publicar o “Tchau, querida”, a *Veja* – a revista de maior circulação do país – não só torna o bordão ainda mais conhecido e transforma a imagem de Dilma publicamente inferiorizada e depreciada através do deboche e ironia. Além disso, na ocasião o impeachment ainda não havia sido aprovado, a notícia de capa era na realidade sobre o afastamento de Eduardo Cunha, mas a *Veja* encontrou uma maneira de dar destaque a Dilma (sua foto está em primeiro plano) e anunciar sua saída antes mesmo que ela acontecesse oficialmente. A mensagem passada é basicamente: vai embora logo, ‘queridinha’, volta para o seu lugar de mulher da onde não deveria ter saído, o poder pertence aos homens (os do sexo masculino mesmo, sem universalização).

4.2. A Presidenta

Ao longo deste trabalho optou-se por adotar o uso da palavra “presidenta” para se referir à Dilma Rousseff. No entanto, observou-se que, nos trechos de reportagens e capas

⁶⁶ Disponível em: <<http://justificando.com/2016/04/19/o-que-a-expressao-tchau-querida-pode-nos-dizer-sobre-a-desigualdade-de-genero/>> Acesso em: 15/11/2016

analisadas, a escolha de seus autores e das editoriais foi pelo emprego da versão mais comum do termo: presidente. Essa discussão começou em 2010, quando Dilma ganhou as eleições presidenciais pela primeira vez. Sendo a primeira mulher a assumir tal cargo, a forma correta de nomeá-la também era uma novidade.

A palavra *presidenta* existe oficialmente na língua portuguesa desde 1899, estando registrada na Academia Brasileira de Letras (MARTÍN, 01/01/2015)⁶⁷. A palavra também está presente nos dois dicionários mais usados no país, o *Houaiss* e o *Aurélio*. *Presidenta*, segundo o *Aurélio*, é "mulher que preside ou mulher de um presidente", distinta de *presidente*, que é "pessoa que preside" ou "o presidente da República". O *Houaiss* fala em "mulher que preside (algo)" ou "mulher que se elege para a presidência de um país" para definir *presidenta* e, para *presidente*, em "título oficial do chefe do governo no regime presidencialista" -substantivo de dois gêneros" (SARNEY, 19/11/2010)⁶⁸.

Apesar de “presidente” poder ser usado em relação a um homem ou uma mulher, é importante questionar a recusa pelo uso do termo no feminino. Talvez em um cenário de uma sociedade na qual não impera a dominação masculina, um único termo que designasse ambos os sexos não prescindisse de problematizações. Porém não se pode simplesmente negar a existência de uma relação desigual entre homens e mulheres, como disse Lauretis:

Mas negar o gênero significa, em primeiro lugar, negar as relações sociais de gênero que constituem e validam a opressão sexual das mulheres; e, em segundo lugar, negar o gênero significa permanecer “dentro da ideologia”, de uma ideologia que não coincidentemente embora não intencionalmente reverte em benefício do sujeito do gênero masculino (LAURETIS, 1994, p. 223)

Dessa forma, acreditar que não há um peso ideológico nessa questão é no mínimo ingênuo. “A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la.” (BOURDIEU, 2002, p. 18)

Dilma escolheu ser chamada de *presidenta*. Como mulher, entendeu que tal termo carregava consigo um importante peso político. Entretanto, grande parte dos veículos de comunicação, assim como a população em geral, não aderiu ao termo. Houve quem dissesse até mesmo que a palavra não existia ou que foi uma invenção dela, chamando-a

⁶⁷ . Disponível em: < http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/31/politica/1420053344_825907.html> Acesso em: 15/11/2016

⁶⁸ . Disponível em: <<http://www.academia.org.br/artigos/presidenta-ou-presidente>> Acesso em: 12/10/2016

de “burra” por usar o termo. É fato que a versão feminina de “presidente”, a “presidenta”, ainda causa estranhamento em muitos e é justamente por isso que é tão importante discutir a importância de seu uso articulando-o aos ataques machistas a Dilma durante todo esse período.

A linguagem tem um valor simbólico muito grande (CERVERA&FRANCO, 2006, p. 14), essencial pois “só podemos atribuir significado àquilo que é representável na linguagem” (BUTLER, 2016, p. 156). Assim, o processo de nomear algo é também o processo de fazer com que esse algo exista, torná-lo perceptível. Da mesma forma, não especificar algo através de um nome é uma forma de invisibilização.

[...] é preciso assinalar que o que não se nomeia não existe e utilizar o masculino como genérico tornou invisível a presença das mulheres na história, na vida cotidiana, no mundo. Basta analisar frases como: “Os homens lutaram na revolução francesa por um mundo mais justo, marcado pela liberdade, igualdade e fraternidade”. E as mulheres? Onde ficam nessa luta? Não nos enganemos: quando se utiliza o genérico está se pensando nos homens e não é certo que ele inclua as mulheres. A esse respeito diz Teresa Meana que “não sabemos se atrás da palavra homem se está pretendendo englobar as mulheres. Se for assim, elas ficam invisíveis e se não for assim, ficam excluídas (CERVERA&FRANCO, 2006, p. 13)

As línguas vivas e as palavras são dotadas, acima de tudo, de um poder de adaptação muito grande. Vão se moldando de acordo com as novas realidades, com as novas necessidades que surgem com o tempo (Ibidem, p.14). Mesmo que a palavra “presidenta” não existisse, talvez fosse necessário inventá-la, se o contexto vigente fosse efetivamente o de igualdade, visando à superação do machismo. A discriminação fica ainda mais gritante ao considerarmos que a palavra – que poderia ser o símbolo da reivindicação de uma mudança – sim, existe, e mesmo assim a maioria da imprensa se recusou a usá-la. “Se há palavras adequadas para nomear cada pessoa, usar o masculino para nomear as mulheres é, no mínimo, ocultar a realidade” (Ibidem, p. 26).

Butler (2016, p. 196) defende que o que é estranho, “fora da lei”, é o que ajuda a questionar e compreender o mundo e as categorizações sexuais, enxergando que eles poderiam ser construídos de maneira diferente, por exemplo. Fairclough (2001, p. 127) também argumenta sobre a relevância das inovações, transgressões e soluções criativas para se resolver dilemas e situações às quais não se está acostumado. A palavra “presidenta” pode realmente soar estranha *a priori*, mas essa estranheza é essencial para salientar sua força ideológica, para chamar atenção para o fato de que algo de diferente

aconteceu, de que há agora uma figura feminina ocupando um lugar tradicionalmente dominado por homens. Como Wittig (apud BUTLER, 2016, pp. 206-209) explica, a linguagem é uma maneira de construir o mundo social: falar é um ato de poder.

Ao optar por ser chamada de “presidenta”, Dilma explicita que não quer esquecer a importância simbólica de ser uma mulher presidindo o país. Ao mesmo tempo, ao se recusar a usar o termo, a mídia e a população talvez estivessem, mesmo que inconscientemente, se recusando a aceitar o fato de que é uma mulher que está ocupando o poder, e isso está refletido em toda a violência de gênero sofrida por Dilma Rousseff no decorrer desse período. A palavra presidenta arranha os ouvidos, incomoda, mas o que parece incomodar mais, o que soa realmente estranho para as pessoas, é a presença de uma mulher como chefe do poder Executivo.

As resistências a feminizar uma profissão ou cargo nunca se baseiam em argumentações estritamente linguísticas, porque as resistências não vêm da língua, as línguas costumam ser amplas e generosas, dúcteis e maleáveis, hábeis e em perpétuo trânsito; as travas são ideológicas (CUNIL apud CERVERA&FRANCO, 2006, p. 37)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os temas discutidos ao longo deste trabalho, é possível enxergar que, durante o período analisado, a imprensa foi uma das responsáveis pela produção dos discursos do *backlash* antifeminista, retratando a figura da mulher – personificada principalmente na figura de Dilma Rousseff – de maneira depreciativa, visando à manutenção do sistema de dominação masculina.

É importante destacar que, ao contrário do que se pode imaginar, o Brasil ainda estava, e está, muito distante do que seria ideal no que diz respeito à igualdade de gêneros. De acordo com ONU Mulheres, continuamos a ocupar o 121º lugar no ranking de participação das mulheres na política – pouco mais 10% dos assentos do Congresso Nacional, apenas 10% das prefeituras e 12% dos conselhos municipais. O que prova a tese de Faludi (2001) de que o *backlash* não é decorrência necessariamente de um momento em que as mulheres realmente alcançaram a equidade, mas sim de qualquer pequeno avanço que de alguma forma parece colocar em risco a posição de superioridade dos homens na sociedade.

Em outros termos, o contra-ataque antifeminista não foi deflagrado pelo fato de as mulheres terem conseguido uma igualdade plena, mas pela mera possibilidade de elas conseguirem atingi-la. É um golpe usurpador que detém as mulheres muito antes de elas atingirem a linha de chegada. “Um backlash pode ser um sinal de que as mulheres realmente obtiveram sucesso”, diz a psiquiatra Jean Baker Miller, “mas os backlashes acontecem quando os avanços ainda são pequenos, antes que as mudanças sejam suficientes para ajudar um bom número de pessoas... Quase parece que os líderes dos backlashes usam o medo da mudança como ameaça antes de modificações de peso possam acontecer”. (FALUDI, 2001, p. 19)

Além disso, é possível supor que a situação de instabilidade política e econômica do país tenha feito com que a população e os meios de comunicação tentassem encontrar um bode expiatório, uma explicação, e conseqüentemente uma esperança de melhora. A figura feminina foi, assim, colocada mais uma vez no lugar de causadora dos problemas que os brasileiros queriam resolver, sendo o “alvo reconhecível” (Ibidem, p. 243) que buscavam – já que é sempre a ponta mais frágil dentro da lógica patriarcal.

Quando a sociedade projeta os seus medos numa forma feminina, pode tentar manter à distância estes medos controlando as mulheres – forçando-as a se conformarem com reconfortantes padrões nostálgicos

e reduzindo-as, na imaginação cultural, a um tamanho manuseável. Exigir que as mulheres “voltem à feminilidade” é o mesmo que pedir que os mecanismos culturais engatem a marcha a ré, que todos nós voltemos a um tempo fabuloso, quando todo mundo era mais rico, mais jovem, mais vigoroso. A mulher “feminina” é algo eternamente estático e infantil. (Ibidem, p. 87)

Ao longo de um pouco mais de um ano e meio, no segundo mandato de Dilma como presidenta do Brasil – de 01 de janeiro de 2015 até 31 de agosto de 2016 – vimos a imprensa se utilizar dos mais variados recursos de discriminação, como retratar a imagem da mulher como ser frágil, dependente, desequilibrado, louco; ou seja, todos os estereótipos aos quais as mulheres passam a vida sendo submetidas. Também foram apresentados discursos violentos, debochados, e a incansável recusa pela adesão do termo “presidenta”, símbolo político de uma conquista histórica das mulheres no Brasil.

Compreender a importância da imprensa como formadora de opinião e questionar seus discursos é tarefa essencial para uma mudança social, já que o discurso é um instrumento poderoso capaz não apenas de reproduzir opressões como também de gerar melhorias (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, entender as engrenagens discursivas que formam, promovem e sustentam a sociedade patriarcal é primordial para combatê-la.

O discurso exerce poder sobre nós porque seus conceitos nos tocam de perto (LAURETIS, 1994, p.227). O ataque contra Dilma e sua posterior saída do cargo não significa meramente uma perda política para seus eleitores, como escreveu Ferraro (apud FALUDI, 2001, p. 272): “A derrota de uma mulher costuma ser vista como o julgamento de todas as mulheres”.

De toda forma, futuras análises também podem ser feitas no sentido de estudar a força da união feminina durante essa onda de ataques contra Dilma. Apesar de todos os esforços – muitos bem sucedidos – de retirar o poder e as conquistas das mulheres, vimos que eles não foram aceitos sem críticas, sem revolta, gerando movimentos de contestação principalmente nas redes sociais.

Após a publicação da reportagem “Bela, recatada e ‘do lar’”, a Internet foi bombardeada por mulheres que expuseram suas fotos em situações que confrontam o que se espera do “bom comportamento feminino”, seguidas das *hashtags* #BelaRecatadaEDoLar e #VejaMachista. Quando a IstoÉ divulgou sua capa “As explosões nervosas da presidente”, também criaram a *hashtag* #IstoÉMachismo. Por fim, como resposta ao uso do bordão “Tchau, querida” pela oposição, apoiadores da presidenta passaram a promover a *hashtag* #FicaQuerida. Grupos feministas também promoveram

o “Mulheres com Dilma”, encontro de mulheres com a presidenta, no Palácio do Planalto, além da idealização do livro *Fica Querida – Cartas para Dilma*, um compilado de recados escritos por mulheres e direcionados à ex presidenta e que foi entregue a ela no dia 21 de setembro de 2016, em um evento no Rio de Janeiro.

Como defendeu Faludi (2001, pp. 425-430), não importa “o quão doloroso e desanimador” seja “o choque contra o muro do contra-ataque”, as mulheres continuam sempre buscando uma forma de lutar contra ele. Resistimos. Como mulheres, e sobretudo enquanto pensadoras, acadêmicas, e profissionais da comunicação, temos uma participação fundamental no processo de empoderamento feminino e de luta contra a opressão. Temos a possibilidade de superar a reprodução de machismos e discriminações de gênero através do discurso e da linguagem como instrumentos de mudança. Refletir, agir e lutar.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELIN, Rosângela. A “caça às bruxas”: uma interpretação feminista. Revista Espaço Acadêmico, 04/08/2012. Disponível em: <<https://espacoacademico.wordpress.com/2012/08/04/a-caca-as-bruxas-uma-interpretacao-feminista>> Acesso em: 12/11/2016

ANGIOLETTI, Walter; MICHIELENS, Magda. *Définition du concept de « sexism »*. Bruxelas : Institut pour l'égalité des femmes et des hommes, 2009. Disponível em : <http://igvm-iefh.belgium.be/sites/default/files/downloads/28%20-%20Rapport%20D%C3%A9finition%20du%20concept%20de%20sexisme_FR.pdf> Acesso em: 02/12/2016

ARÁN, Márcia. *Psicanálise e feminismo*. São Paulo: Revista Cult, nº133, março/2009. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/psicanalise-e-feminismo>> Acesso em 18/10/2016

ARONOVICH, Lola. *Misoginia, machismo e Rihanna espancada*. Escreva, Lola, escreva, 12/02/2009. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2009/02/misoginia-machismo-e-rihanna-espancada.html>> Acesso em: 20/11/2016

BARACAT, Juliana. *Um breve histórico da histeria: de Freud a Lacan*. Revista Científica Eletrônica de Psicologia, ano VII, nº 13, pp. 1-33. FAEF, Novembro/2009. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/UsViSyNsu7lSBW7_2013-5-13-14-58-3.pdf> Acesso em: 01/11/2016

BENTES, Ivana. *Isto É usa estereótipos machistas e misóginos para tentar desqualificar Dilma*. Revista Forum, 02/04/2016. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2016/04/02/ivana-bentes-istoe-usa-estereotipos-machistas-e-misoginos-para-tentar-desqualificar-dilma>> Acesso em: 27/09/2016

BERGAMASCO, Débora; PARDELLAS, Sérgio. *Uma presidente fora de si*. IstoÉ, 01/04/2016. Disponível em: <http://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/> Acesso em: 04/10/2016

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª edição, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016

CERVERA, Julia Pérez; FRANCO, Paki Venegas. *Manual para o uso não sexista da linguagem*, 2006 Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/outros-artigos-e-publicacoes/manual-para-o-uso-nao-sexista-da-linguagem>> Acesso em 02/11/2016

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001

FALUDI, Susan. *Backlash: O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001

GONZAGA, Victoriana Leonora Corte. *O que a expressão “tchau, querida” pode nos dizer sobre a desigualdade de gênero?* Justificando, 19/04/2016. Disponível em: <<http://justificando.com/2016/04/19/o-que-a-expressao-tchau-querida-pode-nos-dizer-sobre-a-desigualdade-de-genero/>> Acesso em: 15/11/2016

GUILLAUMIN, Colette. “Le corps construit”. In: _____. *Sexe, race et pratique du pouvoir : L'idée de Nature*. Paris: Côté-Femmes, 1992, pp. 117-142

LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia do gênero”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). *Tendências e impasses – O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

LIGUORI, Maíra. *O machismo também mora nos detalhes*. Think Olga, 09/04/2015. Disponível em: <<http://thinkolga.com/2015/04/09/o-machismo-tambem-mora-nos-detalhes/>> Acesso em: 27/09/2016

LINHARES, Juliana. *Bela, recatada e “do lar”*. Veja, 18/04/2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>> Acesso em: 16/10/2016

LOPES, Maria José Ferreira. *De Pandora a Eva: fontes antigas da misoginia ocidental*. Diacrítica. Braga, v. 26, nº 2, pp. 490-511, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672012000200028&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 10/11/2016

MARTÍN, María. *Querida presidenta...* São Paulo: El País, 01/01/2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/31/politica/1420053344_825907.html> Acesso em: 15/11/2016

MENDOZA, Eunice. *Machismo Literature Review*. Nova Iorque: Center for Public Safety Initiatives, Rochester Institute of Technology, 2009. Disponível em: <<https://www.rit.edu/cla/criminaljustice/sites/rit.edu.cla.criminaljustice/files/docs/WorkingPapers/2009/2009-12.pdf>> Acesso em: 02/12/2016

NOGUEIRA, Anna Carolina. *O que é histeria?* Lugar de Mulher, 16/05/2016. Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/o-que-e-histeria>> Acesso em 18/10/2016

ONU MULHERES, *Visão geral*. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/brasil/visao-geral/>> Acesso em: 28/11/2016

POMPEU, Ana. *Eram as bruxas feministas?* Não me Kahlo, 13/11/2015. Disponível em: <<http://www.naomekahlo.com/single-post/2015/11/13/Eram-as-bruxas-feministas>> Acesso em: 12/11/2016

RANGEL, Maria Beatriz de Souza. *Histeria e Feminilidade*. 2008. 108 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade) – Universidade Veiga de

Almeida, Rio de Janeiro, 2008 Disponível em:
<https://www.uva.br/mestrado/dissertacoes_psicanalise/19-histeria_e_feminilidade.pdf>
Acesso em: 18/10/2016

RIZZO, Alana. *A solidão de Dilma*. Época, 15/04/2016. Disponível em:
<<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/04/solidao-de-dilma-rousseff.html>>
Acesso em: 04/10/2016

ROCHA, Zeferino. *Feminilidade e castração seus impasses no discurso freudiano sobre a sexualidade*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. V, nº 1, março/2002, pp. 128-151. São Paulo: Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Disponível em:
<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233018096008>> Acesso em: 02/11/2016

SARNEY, José. *Presidenta ou Presidente*. Goiás: Diário da Manhã, 2010. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/artigos/presidenta-ou-presidente>> Acesso em: 12/10/2016

SCHIMITT-PANTEL, Pauline. “‘A criação da mulher’: um artil para a história das mulheres?” In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (org.) *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003, pp.129-156.

TIBURI, Marcia. *Dilma, Janaína e “Gaslighting”*. Blog Marcia Tiburi, Revista Cult: 08/04/2016. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2016/04/dilma-janaina-e-gaslighting>> Acesso em: 27/09/2016